



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA - UFSB
CAMPUS SOSÍGENES COSTA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO
E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS - PPGER
MESTRADO PROFISSIONAL**



CARLÍDIA PEREIRA DE ALMEIDA

**SABERES E FAZERES QUILOMBOLA: Rezas e Benzeções com o Uso de Ramos nos
Quilombos Lagoa do Peixe e Nova Volta, no Município de Bom Jesus da Lapa/Ba.**

PORTO SEGURO – BA

2020

CARLÍDIA PEREIRA DE ALMEIDA

SABERES E FAZERES QUILOMBOLAS: Rezas e Benzeções com o Uso de Ramos nos Quilombos Lagoa do Peixe e Nova Volta, no Município de Bom Jesus da Lapa/Ba.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico - Raciais, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências - CSC, da Universidade Federal do Sul da Bahia - UFSB, como requisito final para a obtenção do título de Mestre em ensino de Relações Étnico-Raciais.

Orientadora: Profa. Dra. Eliana Póvoas Pereira Estrela Brito

PORTO SEGURO – BA

2020

Dados internacionais de catalogação na publicação (CIP)
Universidade Federal do Sul da Bahia – Sistema de Bibliotecas

A447s Almeida, Carlídia Pereira de, 1978 -
Saberes e fazeres Quilombola: rezas e benzeções com o uso de ramos nos quilombos Lagoa do Peixe e Nova Volta, no município de Bom Jesus da Lapa/BA. / Carlídia Pereira de Almeida. – Porto Seguro, 2021.
98 f.

Orientadora: Eliana Póvoas Pereira Estrela de Brito
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Sul da Bahia.
Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais.
Campus Sosígenes Costa.

1. Saberes Tradicionais. 2. Pertencimento. 3. Resistência. I. Brito, Eliana Póvoas Pereira Estrela de. II. Título.

CDD – 306.4

ATA DE DEFESA

Aos trinta dias do mês de julho do ano de 2020, às 14 horas por meio de webconferência endereço: <https://mconf.rnp.br/webconf/csc-2> UFSB, realizou-se a prova de Defesa de dissertação/produto final, intitulado SABERES E FAZERES QUILOMBOLAS: REZAS E BENZEÇÕES COM O USO DE RAMOS NOS QUILOMBOS LAGOA DO PEIXE E NOVA VOLTA, NO MUNICÍPIO DE BOM JESUS DA LAPA/BA, de autoria da Candidata CARLÍDIA PEREIRA DE ALMEIDA, aluna do Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais, em nível de Mestrado. A Comissão Examinadora esteve constituída pelas/os professores/as: Eliana Póvoas Pereira Estrela Brito (PPGER/UFSB) orientadora; Prof. Dr. Gean Paulo Gonçalves Santana (PPGER/UNEB- Examinador Interno ao Programa); Profa. Dra. Suely Dulce de Castilho (UFMT - Examinadora Externa); Prof. Dr. Tiago Rodrigues Santos (UFRB - Examinador Externa à Instituição). Concluídos os trabalhos de apresentação e arguição, o candidato foi aprovado pela Comissão Examinadora. Foi concedido um prazo de 60 dias regimentares, para que o candidato entregue o trabalho em sua redação definitiva na Secretaria Acadêmica e na Biblioteca do Campus. Para constar, foi lavrada a presente ata, que vai assinada pelos membros da Comissão.

Dr. SUELY DULCE DE CASTILHO, UFMT
Examinador Externo à Instituição



Dr. TIAGO RODRIGUES SANTOS, UFRB
Examinador Externo à Instituição



GEAN PAULO GONÇALVES SANTANA, UNEB
Examinador Interno



Dr. ELIANA POVOAS PEREIRA ESTRELA BRITO, UFSB
Presidente

Gratidão à minha família!

Axé!!!

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus por me conceder tantas graças, pela força e coragem durante toda esta longa caminhada, pois, sem Ele, esta jornada não seria cumprida.

À minha família, por colaborar com minha formação acadêmica, por me apoiar e acreditar em mim. Aos meus queridos pais, Carlos Pereira e Lídia Pereira, por terem me ajudado e confiado sempre em mim durante esta caminhada. Meus irmãos Joel, Irenilda e Rogério, por terem me dado coragem.

Agradeço ao meu quilombo Lagoa do Peixe e ao quilombo Nova Volta por tudo. À Central Regional Quilombola pelo apoio.

Agradeço aos amigos/as, Valéria Porto dos Santos, amiga de outras vidas, Amilton Pereira dos Santos pelo carinho, atenção e força, a Michelle Matos, minha companheira forte de mestrado, pois, sem ela, não teria condição de permanecer em Porto Seguro. Meu muito obrigada, meus queridos.

Aos amigos em Cristo, sempre aliviando minhas angústias, chamando para aquela “farrinha” sempre tão saudável, Iuri Rodrigues, irmão de alma, Fabiola Barbosa, Tia Guê, Pe. Marcos, Edilson Miranda, Pe. Adam, Evanice Rocha e Adilsom Rocha, Marília Brito, Ivete Guedes e Francisco Guedes, meu muito obrigada.

Aos colegas de turma do mestrado Luzia, Marília, Cauim, Epaminondas, Claudia, Teka, Maria Aparecida, Rosângela, Jean, Cris Queiroz, Paulo, Cristina, obrigada por tudo.

À professora Eliana Póvoas que, além de orientadora, costuma ser mãe e amiga, gratidão por tudo.

AXÉ!!!

ALMEIDA, Carlídia Pereira de. **Saberes e fazeres quilombola: Rezas e Benzeções com o Uso de Ramos nos Quilombos Lagoa do Peixe e Nova Volta, no Município de Bom Jesus da Lapa/Ba.** 98 f. 2020. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ensino de Relações Étnico-Raciais, Universidade Federal do Sul da Bahia, 2020.

RESUMO

O trabalho apresenta como um relatório da pesquisa realizada em dois territórios quilombolas do município de Bom Jesus da Lapa, oeste da Bahia: Os quilombos Lagoa do Peixe e Nova Volta, situados às margens do rio São Francisco. A pesquisa, orientada pelos pressupostos da cartografia social, tem como foco os saberes e fazeres quilombolas em suas rezas e benzeções com uso de ramo nessas localidades. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas, oficinas, conversas informais e diário de campo com registros protagonizados por mulheres e homens que benzem e rezam através da fé. Compreende-se que esses saberes ancestrais, deixados por varias gerações, estão presentes nos territórios quilombolas de Lagoa do Peixe e Nova Volta, e têm contribuído para a permanência dos saberes culturais locais. Para nortear a base teórica da pesquisa foram utilizados alguns estudiosos como ARRUTY (2006), TOLEDO BARREIRA-BASSOL (2009), MACEDO (2017), SILVA (2012), ANJOS (2006), QUINTANA (1999), dentre outros. As comunidades e povos tradicionais, com seus ritos, simbologias, seus saberes e fazeres ancestrais lutam pela permanência de suas culturas. As benzedeadas/os e rezadeiras do quilombo Lagoa do Peixe e Nova Volta são pessoas simples, que não tiveram oportunidade de ir a escola, mas são de um conhecimento grandioso e valioso. São mulheres e homens que passaram por dificuldades e que venceram com suas histórias de vida. Adquiriram a prática das rezas e do benzimento com seus antepassados através da oralidade, Nas localidades pesquisadas, a prática do benzimento vem sempre acompanhado por um ramo verde, sendo estes de plantas medicinais cultivadas em seus quintais. Assim, os saberes ancestrais relacionados à questão da natureza das plantas medicinais se fazem importantes para a manutenção da saúde, bem como se constitui em importante marca para a história de um povo cheios de ritos, significados e singularidades. Dessa forma, nota-se em homens e mulheres aqui pesquisados/as que a fé é um requisito para constituir a saúde de um povo simples que acredita e partilha saberes.

Palavras Chave: Saberes tradicionais, Pertencimento, Resistencia.

ALMEIDA, Carlídia Pereira de. **Quilombola knowledge and practices: Prayers and blessings with the use of branches in the Quilombos Lagoa do Peixe and Nova Volta, in the municipality of Bom Jesus da Lapa / BA.** 98 f. 2020. Dissertation (Master) – Graduate program in Teaching and Ethnic Racial Relations, Federal University of Southern Bahia, 2020.

ABSTRACT

The work presents as a report of the research carried out in two quilombola territories in the municipality of Bom Jesus da Lapa, western Bahia: Lagoa do Peixe and Nova Volta, located on the banks of the São Francisco River. The research, guided by the assumptions of social cartography, focuses on quilombola knowledge and activities in their prayers and blessings with the use of branches in these locations. Data collection was carried out through interviews, workshops, informal conversations and a field diary with records carried out by women and men who bless and pray through faith. It is understood that these ancestral knowledge, left for several generations, are present in the quilombola territories of Lagoa do Peixe and Nova Volta, and have contributed to the permanence of local cultural knowledge. To guide the theoretical basis of the research, some scholars were used, such as ARRUTY (2006), TOLEDO BARREIRA-BASSOL (2009), MACEDO (2017), SILVA (2012), ANJOS (2006), QUINTANA (1999), among others. Traditional communities and peoples, with their ancestral rites, symbols, knowledge and practices, fight for the permanence of their cultures. The healers and prayers of the Lagoa do Peixe and Nova Volta quilombo are simple people, who did not have the opportunity to go to school, but are of great and valuable knowledge. They are women and men who have gone through difficulties and who have won with their life stories. They acquired the practice of praying and blessing with their ancestors through orality. In the locations surveyed, the practice of blessing is always accompanied by a green branch, these being medicinal plants grown in their backyards. Thus, ancestral knowledge related to the question of the nature of medicinal plants is important for the maintenance of health, as well as constituting an important mark in the history of a people full of rites, meanings and singularities. Thus, it can be seen in men and women surveyed here that faith is a requirement to constitute the health of simple people who believe and share knowledge.

Keywords: Traditional knowledge, Belonging, Resistance.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Território Rural Velho Chico.....	21
Figura 2 - Mapa de Bom Jesus da Lapa.....	22
Figura 3 - Mapa de Comunidades Quilombolas.....	25
Figura 4 - Diagrama demonstrativo de árvore genealógica das gerações da Comunidade de Quilombo Lagoa do Peixe, Bom Jesus da Lapa (BA).....	26
Figura 5 - Toras do Jorge.....	28
Figura 6 - Habitação Quilombola Lagoa do Peixe.....	299
Figura 7 - Residência construída pelo Programa Federal: Minha casa, minha vida rural.....	30
Figura 8 - Casa que funcionava como escola na comunidade Araçá.....	43
Figura 9 - Escola da Comunidade Nova Volta.....	43
Figura 10 - Escola no Quilombo Nova Volta.....	44
Figura 11 –Rezadeira do quilombo Nova Volta.....	45
Figura 12 –Benzedeira e resadeira do quilombo Lagoa do Peixe.....	56
Figura 13 –Benzedeira do quilombo Lagoa do Peixe.....	57
Figura 14 –Rezador do quilombo Nova Volta.....	578
Figura 15 – Rezadeira e Benzedeira do quilombo Nova Volta.....	50
Figura 16 – Rezadeira e Benzedeira do quilombo Lagoa do Peixe.....	51
Figura 17 – Rezadeira do quilombo Lagoa do Peixe.....	52
Figura 18 – Apresentação da proposta em Nova Volta.....	55
Figura 19 –Apresentação da proposta em Lagoa do Peixe.....	56
Figura 20 –Conversa co benzedeira de Lagoa do Peixe.....	57
Figura 21 –Conversa com benzedeira de Nova Volta.....	57
Figura 22 –Conversa com benzedeira de Nova Volta.....	58
Figura 23 –Construção do mapa territorial de Lagoa do Peixe.....	59
Figura 24 -Mapa territorial de Lagoa do Peixe.....	59
Figura 25-Construção do mapa territorial de Nova Volta.....	60
Figura 26 -Mapa territorial nova Volta.....	60
Figura 27- Mastruz (cicatrizante, anti-inflamatorio).....	73
Figura 28- Alecrim (utilizado para banho, asma, ato do benzimento).....	73
Figura 29 - Arruda (Utilizado no ato do benzimento).....	75
Figura 30 -Preto velho (utilizado para banhos).....	75

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Perfil dos sujeitos da pesquisa	65
Tabela 2 – Plantas medicinais e suas utilidades	76

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ATER	Assistência Técnica e Extensão Rural
ADCT	Ato das Disposições Constitucionais Transitórias
CDA	Coordenação de Desenvolvimento Agrário
CETA	Movimento de Trabalhadores Acampados, Assentados e Quilombolas
CONAQ	Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas
CPT	Comissão Pastoral da Terra
CRQ	Central Regional Quilombola
IF Baiano	Instituto Federal Baiano
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
MESPT	Mestrado em Sustentabilidade Junto aos Povos e Terras Tradicionais
PT	Partido dos Trabalhadores
PTDSS	Plano de Desenvolvimento Sustentável e Solidário do Território Velho Chico
PRONERA	Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária
PPGER	Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais
RTID	Relatório Técnico de Identificação e Delimitação
UFSB	Universidade Federal do Sul da Bahia
UNEB	Universidade Estadual da Bahia

SUMÁRIO

I - SUJEITO QUILOMBOLA CONSTRUINDO HISTÓRIA.....	8
II – SITUANDO O TEMA.....	12
III – SITUAÇÃO PROBLEMA.....	17
IV- OBJETIVO GERAL:.....	19
V - CONHECENDO O CAMPO DA PESQUISA.....	20
5.1 TERRITÓRIO VELHO CHICO.....	20
5.2 BOM JESUS DA LAPA.....	21
5.3 QUILOMBO LAGOA DO PEIXE.....	255
5.3.1 Saberes Tradicionais de Agricultores do Quilombo Lagoa do Peixe.....	311
5.3.2 Processo de escolarização em Lagoa do Peixe.....	33
5.3.3 Quilombo Nova Volta.....	345
5.3.4 Processos de Escolarização do Quilombo Araçá/Cariaçá.....	37
5.3.5 Educação Escolar Quilombola.....	38
VI - CONSTRUINDO O CAMPO METODOLÓGICO.....	444
VII – REFERENCIAL TEÓRICO.....	61
7.1 COMUNIDADES QUILOMBOLAS E SUAS CRENÇAS.....	61
7.2 TERRA E TERRITÓRIO QUILOMBOLA.....	63
VIII - BENZEDEIRAS/OS E REZADEIRAS/OS DO QUILOMBO LAGOA DO PEIXE E NOVA VOLTA E SUAS EXPERIÊNCIAS DE VIDA.....	65
IX - EXPRESSÃO CULTURAL: SABERES E USO DE PLANTAS MEDICINAIS DAS/OS BENZEDEIRAS/OS DOS QUILOMBOS LAGOA DO PEIXE E NOVA VOLTA.....	71
X - CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	78
REFERÊNCIAS.....	81
APÊNDICES.....	84

I - SUJEITO QUILOMBOLA CONSTRUINDO HISTÓRIA

Os desafios existem para nos fortalecer e seguirmos em frente construindo histórias. Os desafios são muitos, a vontade de alçar voos é maior. Sigo confiante, ciente dos embaraços que aparecem no caminho e disposta a continuar escrevendo minha própria história com as melhores tintas.

Nascida na cidade de Bom Jesus da Lapa, no oeste da Bahia, filha do lavrador Carlos Pereira de Almeida e Lídia Pereira de Almeida, tenho saudade da minha infância. Aproveitei muito com meus quatro irmãos e primos, tudo fazia tanto sentido. Minha mãe, ao se casar, saiu do quilombo de Lagoa do Peixe para morar com seu companheiro, Carlos Pereira de Almeida, na Fazenda Campos, que hoje se encontra em processo de discussão pelo reconhecimento de quilombo urbano.

Aos cinco anos de idade, fui para a escola. Lembro perfeitamente da sala de aula: era uma casinha de taipa bem simples e muito aconchegante. Digo, a mais aconchegante que tive. A sala de aula funcionava na Fazenda Campos, pertinho da minha casa, em um quarto vazio da casa de Dona Manoelina Vidal¹, que foi a minha primeira professora. Sentávamo-nos em bancos de madeira e apoiávamos o caderno no colo para poder escrever.

Aos sete anos, passei a estudar na sede do município, na Escola São José. O primeiro encontro foi assustador, parecia outro mundo, e era um mundo bem diferente do meu. Sempre muito quieta na sala, os colegas me intimidavam, nunca queriam brincar comigo, me apelidavam de negra do cabelo duro, negra fedorenta, dentre tantos outros apelidos os quais me deixavam sem vontade de ir à escola. Porém, meus pais sempre me incentivando e falando que eu tinha que estudar para ser alguém na vida.

Ajudava meus pais na roça onde plantávamos feijão, milho, melancia, abóbora, mandioca, entre outros. Quando era a época da colheita, vendia com a minha mãe na feira da cidade tendo, assim, uma renda para comprar o material escolar, o que não era fácil. Com dezesseis anos de idade, trabalhei como camareira em um hotel e à noite estudava. Desta forma, podia contribuir financeiramente com meus pais.

Aos vinte anos, concluí o chamado segundo grau (Ensino Médio) na escola Padre Francisco da Soledade, sem muita perspectiva de cursar o nível superior por achar impossível, já que distante da minha realidade enquanto mulher negra e pobre.

¹ Manoelina Vidal dos Santos, professora leiga que alfabetizou muitas pessoas no Bairro Lagoa Grande, em Bom Jesus da Lapa/BA, cedendo o quarto da sua residência, que ficava na área externa, para ensinar.

Em 2004, comecei a militância no movimento de trabalhadores acampados, assentados e quilombolas da Bahia (CETA), participando das assembleias, das mobilizações em nível de região e de Estado, o que muito ajudou no meu crescimento. No mesmo ano, a coordenação do movimento CETA fez uma visita à comunidade quilombola de Lagoa do Peixe que, desde então, passou a ser mais uma das muitas comunidades acompanhadas pelo movimento. A partir daí, participando cada vez mais, fiquei por um tempo na Central Regional Quilombola (CRQ), mobilizando e articulando trabalhos nas demais comunidades do território Velho Chico, juntamente com a coordenação dela.

Diante das muitas demandas das comunidades, houve a necessidade de formar algumas comissões específicas para facilitar as realizações dos trabalhos nas comunidades quilombolas. Dentre as comissões formadas, integrei a comissão da juventude. Na militância, comecei a ampliar meu olhar sobre mim mesma e o mundo. Passei a me aceitar enquanto mulher negra quilombola, ocupar os espaços de fala, ir para o enfrentamento e sonhar em cursar o nível superior.

Entre os anos 2004 e 2005, surgiu a oportunidade de prestar o primeiro vestibular. A coordenação do movimento CETA me indicou para participar da seleção do vestibular do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA), em parceria com a Universidade do Estado da Bahia (UNEB), do curso de “Pedagogia da Terra”, realizado no Departamento de Ciências Humanas e Tecnologia, Campus XVII, de Bom Jesus da Lapa. A indicação do meu nome foi levada à assembleia ordinária do quilombo Lagoa do Peixe, a qual acontece mensalmente, e foi aceita por todos/as.

Nessa etapa, fui apenas classificada, porém, serviu para aumentar a minha motivação e o desejo de continuar sonhando em cursar o nível superior. Em 2005, fiz o concurso de Agente Comunitária de Saúde no município de Bom Jesus da Lapa, no qual fui aprovada e passei a trabalhar na minha comunidade: Quilombo Lagoa do Peixe. Um trabalho interessante e que me oportunizava trabalhar e atuar na militância.

Em 2007, em assembleia ordinária na comunidade, meu nome foi indicado, pela segunda vez, para participar do vestibular do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA) - em parceria novamente com a Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Senti-me agraciada novamente. Dessa vez, com mais força e determinação, prestei o vestibular e fui aprovada no curso de engenharia agrônômica. Uma felicidade sem tamanho! Filha de lavrador de uma comunidade quilombola e fazendo um curso considerado da elite, curso este voltado exclusivamente para o desenvolvimento sustentável.

Em 28 de abril de 2008, houve a aula inaugural na UNEB, Campus IX, de Barreiras - Bahia. Essa data marca o início da minha vida acadêmica universitária. Um sonho sonhado por mim e pelos meus pais. Não foi fácil. Foram muitos os obstáculos enfrentados no espaço da academia. Um deles foi o preconceito, por parte de alunos, funcionários e professores da universidade. Muitos não queriam aceitar uma turma diferenciada de 50 alunos da qual fazia parte quilombolas, assentados e acampados cursando engenharia agrônômica, no município de Barreiras (BA), onde o agronegócio é fortíssimo.

Foram muitos os entraves! Porém, o tempo foi passando e, a cada dia, mostrando que a academia também é um espaço nosso, apesar de não ter sido feita pensando em nós: povo preto pobre. A partir do quarto semestre, comecei a pensar como trazer os saberes do povo quilombola para dentro da universidade. Afinal, não era apenas eu, Carlidia, que estava ocupando aquele espaço, o quilombo estava comigo. Foi, então, na escrita do Trabalho de Conclusão do Curso de Agronomia que fiz um levantamento de sementes crioulas² em comunidades de quilombo, do município de Bom Jesus da Lapa, oeste da Bahia, levando para a academia um pouco de suas práticas culturais.

Assim, em outubro de 2013, veio a saborosa colação de grau! Uma conquista de muitos esforços e dedicação não só minha, mas de toda a minha família. Em início de 2015, prestei seleção para o Mestrado em Sustentabilidade Junto ao Povos e Terras Tradicionais (MESPT), na Universidade de Brasília (UnB), em Brasília (DF). Não tendo sido selecionada, segui a vida militando e trabalhando.

Na caminhada enquanto militante, entre tantos acontecimentos, dois foram marcantes em minha vida: A mobilização, em 2004, com participação de vários movimentos sociais do Estado da Bahia ocupando a Coordenação de Desenvolvimento Agrário (CDA), em Salvador, e em 2015, a Marcha das Mulheres Negras contra o racismo, violência e pelo bem viver, que aconteceu em Brasília, contando com, aproximadamente, 20 mil mulheres. Momentos de luta e de resistência contra esse sistema opressor.

Em 2016, sigo em marcha nos estudos fazendo uma especialização em Inovação Social com Ênfase em Economia Solidária e Agroecologia, pelo Instituto Federal da Bahia (IF - Baiano), Campos de Bom Jesus da Lapa, levando o quilombo de Lagoa de Peixe novamente comigo. No Curso de Especialização, me dediquei a trabalhar com “A Importância das

² Por seu turno, são denominadas sementes crioulas: as variedades produzidas por agricultores familiares, quilombolas, indígenas ou assentados da reforma agrária, com determinadas características reconhecidas pelas comunidades que as cultivam. Tais sementes são passadas de geração em geração, sendo estas de relevante importância econômica e social, por que não dizer ambiental, para as comunidades (TRINDADE, 2006).

Sementes Antigas na História dos Agricultores (as) do Quilombo Lagoa do Peixe, em Bom Jesus da Lapa/BA³”.

Em 2017, inicio o trabalho de assistência técnica em assentamentos nos municípios de Carinhanha e Malhada, no oeste da Bahia, no projeto de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER), Fomento Mulher, pela associação Humana Povo para Povo Brasil⁴. Uma linha de crédito voltado para mulheres quilombolas, disponibilizado pelo Instituto de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), com uma linha de crédito no valor de três (03) mil reais. Uma experiência muito interessante que me permitiu contribuir de forma mais efetiva como técnica de campo nas comunidades, a partir da minha formação profissional enquanto engenheira agrônoma, e trabalhar diretamente com as mulheres quilombolas.

No ano seguinte (2018), concorro ao edital público de seleção para o Mestrado Profissional em Ensino e Relações Étnico-Raciais (PPGER), da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), Campus Sosígenes Costa, em Porto Seguro. Fui aprovada! Quase não acreditei que era verdade, uma conquista minha junto com minha família.

Hoje, no mestrado, levo mais uma vez um pouco desses saberes e fazeres quilombolas que tanto me fascinam. Enquanto quilombola-pesquisadora, me sinto responsável em levar esses saberes para além das comunidades, pois acredito que essas vozes precisem ecoar. E é com esse desejo que pretendo me debruçar sobre os “Saberes e Fazeres Quilombolas: Rezas e Benzeções com uso de Ramos no Quilombo Lagoa do Peixe e Nova Volta, no Município de Bom Jesus da Lapa/BA.”.

Para essa deliciosa busca, farão parte da pesquisa duas comunidades quilombolas: Lagoa do Peixe e Nova Volta. As duas, localizadas no município de Bom Jesus da Lapa, Bahia. Os motivos pelos quais escolhi esses dois quilombos como universo desta pesquisa foram os seguintes: O Quilombo Lagoa do Peixe, pelo fato de ser a minha comunidade e, por efeito, pelo forte pertencimento que tenho a esse lugar. No entanto, vale ressaltar que esse quilombo não possui escola⁵. Este fato faz com que os estudantes tenham que se deslocar para a sede do município (Município de Bom Jesus da Lapa).

³ Monografia realizada como uma das exigências da especialização em Inovação Social com Ênfase em Economia Solidária e Agroecologia, ofertada pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano, Campos de Bom Jesus da Lapa/BA, com tema: *A Importância das Sementes Antigas dos Agricultores/as do Quilombo Lagoa do Peixe*, sob orientação do professor MCs Aurélio José Antunes de Carvalho, em 2017.

⁴ A Humana Brasil é uma das 31 associações federadas ao Movimento Internacional Huma-na People to People, que opera centenas de projetos em mais de 40 países.

⁵ No quilombo Lagoa do Peixe, não deu para fazer uma pesquisa aprofundada sobre a escola pela sua inexistência. Segundo moradores, já reivindicaram algumas vezes aos gestores que dizem que há um número insuficiente de alunos.

Por sua vez, a escolha do Quilombo Nova Volta se deu pelo fato de compreendê-lo como uma espécie de extensão do Quilombo Lagoa do Peixe, justificada pelos troncos familiares e, também, pela proximidade geográfica. Outra questão que me levou a incluir o Quilombo Nova Volta neste estudo é o fato de que nele há escola. Por acreditar que o conhecimento desses saberes ancestrais trabalhados nos contextos escolares é uma forma de ampliar a socialização, contribuir para o resgate histórico de forma a robustecer essas comunidades quilombolas. Com o apoio das/os professoras/os e comunidade em prol de uma educação escolar quilombola que contempla suas histórias e cultura, visibilizando os saberes dos povos tradicionais.

Neste sentido, Souza (2008) traz o conceito de aquilombar-se, como uma ação contínua de existência autônoma frente aos antagonismos que se caracterizam de diferentes formas ao longo da história dessas comunidades, e que demandam ações de luta ao longo das gerações, para que esses sujeitos tenham o direito fundamental a resistirem e existirem com seus usos e costumes. Esse existir tem um movimento fortemente voltado para a coletividade, para os laços que unem os quilombolas entre si e que, em um movimento mais amplo e recente, une as comunidades de distintas gerações. Logo, aquilombar-se é um processo que está em movimento, uma técnica de luta por sobrevivência.

II – SITUANDO O TEMA

O tema do trabalho aqui apresentado são os Saberes e Fazeres Quilombolas: Rezas e Benzeções com uso de Ramos no Quilombo Lagoa do Peixe e Nova Volta, no Município de Bom Jesus da Lapa - Bahia. São mulheres e homens com seus ritos e mitos, experiências de vida que carregam em suas práticas de rezas e benzimentos, saberes e fazeres adquiridos por seus antepassados.

Essas comunidades quilombolas assumem formas próprias de organização e remontam a uma ancestralidade de povos africanos. Muitos vivem, principalmente, da agricultura da pesca artesanal, do artesanato, e, também, de aposentadoria, dentre outras atividades que guardam traços particulares de resistência. Assim, os quilombolas construíram territórios e defendem as terras dos seus antepassados, negros e negras, que lutaram contra a escravidão. São comunidades que lutam diariamente pelos direitos não só às/aos terras/territórios, mas

também às políticas públicas específicas que, ao longo dos séculos, devido à discriminação étnica e racial, foram desprovidas da ação do Estado.

São comunidades que, com suas formas de sobrevivência, mantêm o quilombamento que, como ressalta Souza (2008), relaciona-se fundamentalmente ao movimento quilombola, pensando-o como proveniente de luta pela garantia dos direitos desses grupos. Essa trajetória de luta tem múltiplas facetas, sendo uma delas a institucional, das coordenações, associações e federações, o que se soma às outras formas de resistência das comunidades. O central é que aquilombar-se⁶ remete à luta contínua, não pelo direito a sobreviver, mas pelo direito de existir em toda a sua plenitude. Trata-se da luta pela existência física, cultural, histórica e social das comunidades quilombolas.

Nesse sentido, a prática cultural do benzimento com ramo no quilombo Lagoa do Peixe e Nova Volta, tornando-se importante para os moradores por ser uma técnica antiga deixada pelos seus antepassados atravessando gerações. A prática das rezas e benzimento nessas comunidades se dão através da oralidade.

A oralidade é uma forma antiga de se comunicar e apresenta elementos que caracterizam e justificam as várias maneiras que os indivíduos possuem para transmitir oralmente esses ensinamentos, e de forma, muitas vezes, com o sentimento de pertença para partilhar com os seus. Zumthor (1993) e Ong (1998) chamam atenção para as práticas orais como o principal meio de difusão das manifestações culturais. Com isso, a forma de partilhar os saberes entre as/os rezadeiras e benzedeadas de Lagoa do Peixe e Nova Volta, ainda tem sido de maneira simples, através da oralidade, que também é uma forma de transmitir a experiência de contar histórias.

O ofício das benzedeadas nessas comunidades quilombolas tem sido o de aliviar dores físicas e espirituais de quem as procuram. São mulheres e homens simples que carregam consigo marcas de suas histórias. Segundo as benzedeadas aqui entrevistadas, “tem alguns problemas de saúde que o médico não resolve. Essa cura se dá através de bênçãos com o uso de ervas medicinais, chás e rezas para solucionar problema.”.

No processo de cura, é dada uma importância muito grande a Deus pelas benzedeadas/as, que afirmam a todo instante que quem cura é Deus, “sou apenas instrumento”.

⁶ Aquilombar-se, ação contínua de existência autônoma frente aos antagonismos que se caracterizam de diferentes formas ao longo da história das comunidades, e que demandam ações de luta ao longo das gerações para que esses sujeitos tenham o direito fundamental a resistirem e existirem com seus usos e costumes. SOUZA, Bárbara Oliveira. **Aquilombar-se: panorama histórico, identitário e político do Movimento Quilombola Brasileiro**. 2008. 204 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)-Universidade de Brasília, Brasília, 2008. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/>.

São falas recorrentes dos/as benzedeadas, um dom que se traduz na fé. Há uma simbologia, uma magia, um grande respeito pelo sagrado, são pessoas detentoras de todo um saber ancestral. Na maioria das vezes, as rezas e benzeções são feitas por mulheres. Como aponta Gomes & Pereira (1989:16), “a presença da mulher é marcante no mundo da crendice e é ela, numa maioria quase absoluta, que conhece o segredo das palavras e dos gestos capazes de exorcizarem o mal.”.

Essas práticas de benzimento são formas antigas passadas de geração em geração, todo um saber ancestral. A simbologia e a fé de um povo que traz suas rezas e benzeções em sintonia com a natureza, (re)significando a cultura e a história de um povo resistente. Os sujeitos aqui pesquisados disseram ter aprendido a benzer com seus pais, avós, tios, sempre na pessoa dos mais velhos. Segundo Bosi (1994, p.18), “a função social do velho é lembrar e aconselhar – *memini, moneo* – unir o começo e o fim, ligando o que foi e o por vir.”.

As benzedeadas, ao falarem através de seus relatos, histórias de vida e suas memórias, fazem compreender como cada experiência é única e, ao mesmo tempo, é de todos, ou seja, um verdadeiro ensinar e aprender. Assim sendo, de acordo com Oliveira (1985), a benzeção e reza significam:

Penetrar na sua essência e buscar o significado de sua prática social, entendendo de que modo esse lado da cultura popular, tão fragmentado, hostilizado, rejeitado e marginalizado é recriado com força e autonomia. É buscar uma significação extraída de relações sociais definidas, que trazem consigo uma concepção de mundo, da benzedeadas com o seu cliente, com o seu ofício, com a sua vida cotidiana. Falar dos atos concretos da benzeção, por dentro, é enxergar que eles são parte de um sistema de produção de serviços e respostas populares de curas, males, doenças, aflições e tragédias, operacionalizadas através de símbolos, gestos, crença, fé e de assistência, feitos por pessoas escolhidas. (p. 70)

As manifestações culturais, às vezes, não são bem vistas por muitos em uma sociedade preconceituosa, racista e conservadora, mas é através dessas e de outras que os povos tradicionais têm sido resistentes a um sistema perverso e excludente. A luta por direito tem sido constante por parte dos quilombolas e isso contraria a muitos. De acordo com a Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (2018, p.122)⁷, a lógica colonial e racista ainda reproduz os quilombos como atrasados, frutos de um processo histórico que já teria se encerrado com a abolição formal da escravidão. Daí se faz necessário o fortalecimento da luta para que a sociedade veja os povos tradicionais não mais de forma pejorativa em suas crenças e manifestações culturais.

⁷ Racismo e Violência contra Quilombos no Brasil-Terra de Direitos, Coordenação Nacional de articulação das Comunidades Negras Rurais quilombolas - Curitiba: Terra de Direitos, 2018, p.122.

Assim, mais uma vez a importância de aquilombar-se como forma de resistência dos povos tradicionais para lutar por seus direitos, zelar por suas manifestações culturais, contar e ressignificar suas histórias e permitir ser deslumbrado pelos contos e encantos dos mais velhos, cuja idade mostra que são detentores de um conhecimento ancestral único.

Os participantes da pesquisa do quilombo de Lagoa do Peixe e Nova Volta, em sua maioria, dizem-se católicos e rezam para os seguintes males: Quebranto, dor de barriga, espinhela caída, dor de cabeça, enzipa⁸, mordida de cobra, engasgação, dor de dente, dentre outros⁸. Ao praticar as rezas, as/os benzedeiros/os costumam usar um ramo, podendo ser de ervas medicinais ou plantas ornamentais, desde que o ramo esteja verde. Existe toda uma simbologia. Os ritos utilizados na hora das benzeduras incidem, também, em uma forma de representação que, de certa forma, vão dando legitimidade à prática. Esses ritos são importantes e necessários, como se fossem instrumentos de ligação do sobrenatural ao invisível.

Os ritos são parte integrante das relações sociais e da vivência humana. “Não é exagero dizer que o ritual é mais para a sociedade do que as palavras são para o pensamento. Pois é bem possível conhecer alguma coisa e, então, encontrar palavras para ela; mas é impossível ter relações sociais sem atos simbólicos”. (DOUGLAS apud ROCHA, 2005, p. 6).

Com a finalidade de traçar esta pesquisa, buscamos saber quem são essas mulheres e homens que benzem e quem as/os procuram em busca do alívio da dor do corpo e da alma, como e com quem se deram o aprendizado e o ensinamento, suas orações, os males tratados por elas, suas crenças, a importância dessas práticas para a comunidade.

O conhecimento popular, os saberes empíricos, os encantados, as lendas e os ritos sempre me fascinaram. Minha implicação, suscitada por minha vivência e conveniência com pessoas mais “velhas de idade”, por ser de comunidade tradicional, essa experiência de vida com esse povo me incitaram a este estudo, que possui sua centralidade nos saberes e fazeres quilombolas: rezas e benzeções, com sujeitos que não tiveram a oportunidade de ir à escola, mas aprenderam na escola da vida e com seus antepassados.

As práticas de benzimento em comunidades tradicionais são comuns às várias formas de proteção que as pessoas buscam através de banho, ervas medicinais, garrafadas pedindo a proteção para afugentar os males do corpo e da alma. Esses conhecimentos precisam ganhar

⁸ Enzipa/erisipela é uma infecção com camada superficial na pele, provocando feridas avermelhadas principalmente nas pernas, rosto e braços. Engasgação, palavra bem utilizada nas comunidades rurais da região de Lapa, quando alguém engasga com algo.

forma e sabor, precisam ser registrados, a sabedoria desses sujeitos educadores precisam sair do casulo, potencializando os demais quilombolas das comunidades aqui pesquisadas e os demais quilombos do município de Bom Jesus da Lapa, com as histórias e seus conhecimentos ancestrais. O município de Bom Jesus da Lapa possui dez comunidades quilombolas⁹, sendo as dez com certificação da Fundação Cultural Palmares, e apenas uma com o título definitivo da terra, que é o quilombo Rio das Rãs.

As pessoas vivem histórias e no contar dessas histórias se reafirmam. Modificam-se e criam novas histórias. As histórias vividas e contadas educam a nós mesmos e aos outros, incluindo os jovens e os recém-pesquisadores em suas comunidades. (CLANDININ e CONNELLY, 2011, p. 27)

Em pesquisa anterior no curso de especialização, me dediquei a trabalhar com “A Importância das Sementes Antigas na História dos Agricultores (as) do Quilombo Lagoa do Peixe, em Bom Jesus da Lapa/BA¹⁰”, valorizando as práticas agroecológicas locais e partilhando esses saberes com o espaço acadêmico, bem como desmistificando o olhar pejorativo que a sociedade tem sobre comunidades quilombolas.

Agora, trago um trabalho em uma perspectiva da cartografia social onde que, segundo Alfredo Wagner (2010), trata-se de criar condições para que cada comunidade tradicional possa se auto cartografar, levando em conta o que de fato é relevante para elas, o que consideram essencial na natureza e na vida cotidiana.

Sendo assim, o exercício da Cartografia Social é um instrumento que serve para construir conhecimento de maneira coletiva; é uma aproximação da comunidade do seu espaço geográfico, socioeconômico, histórico-cultural. A construção desse conhecimento é obtida pela elaboração coletiva de mapas, que desencadeia processos de comunicação entre os participantes e põe em evidência diferentes tipos de saberes que se misturam para chegar a uma imagem coletiva do território, Roberto Filizola (2010).

Contudo, a pesquisa aponta para várias acepções, como assinala Minayo (2001,p.21), trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que

⁹ Territórios quilombolas do município de Bom Jesus da Lapa: Rio das Rãs, Nova Batalinha, Bebedouro, Araçá/Volta, Lagoa do Peixe, Peroba, Juá Bandeira, Fortaleza, Lagoa das Piranhas, Barrinha.

¹⁰ Monografia realizada como uma das exigências da especialização em Inovação Social com Ênfase em Economia Solidária e Agroecologia, ofertada pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano, Campus de Bom Jesus da Lapa/BA, com tema: *A Importância das Sementes Antigas dos Agricultores/as do Quilombo Lagoa do Peixe*, sob orientação do professor M^Cs Aurélio José Antunes de Carvalho, em 2017.

não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. Nessa perspectiva, os dados incluem entrevistas transcritas, conversas, depoimentos, notas de campo, fotografias, produções pessoais, com “mulheres e homens de mais idade” das referidas comunidades.

III – SITUAÇÃO PROBLEMA

O cotidiano dos territórios quilombolas de Lagoa do Peixe e Nova Volta é marcado por histórias de homens e mulheres comuns, com uma significativa luta e resistência pela sobrevivência. Os saberes, regras, domínio territorial e conhecimentos sobre as matas e plantas que auxiliam na prevenção e/ou no tratamento de certos males que afetam as pessoas da comunidade em questão. Os povos tradicionais, com seus ritos, simbologias e seus saberes ancestrais deixados de pais para filhos, lutam pela permanência de suas terras, territórios e, também, por suas culturas.

Para os povos quilombolas, o território não se restringe apenas à questão geográfica, é mais além. Envolve elementos culturais, identitários, históricos e sociais, uma relação de pertencimento. Para Silva (2007, p.8), “no território estão impressos os acontecimentos ou fatos históricos que mantêm viva a memória do grupo, como a base material de significados culturais que compõem sua identidade social”.

Souza (2008), em entrevista com Givânia Silva, diz:

O pertencimento em relação ao território é algo mais profundo. A luta quilombola existe porque há um sentimento por parte dos quilombolas de que aquele território em que eles habitam é deles. Mas não deles por conta de propriedade, é deles enquanto espaço de vida de cultura, de identidade. Isso nós chamamos de pertencimento. Nem é porque nossas terras sejam as mais férteis que nós lutamos por elas. Elas muitas vezes não são as mais férteis, se nós concebermos o fértil no usual da economia. Mas ela tem uma fertilidade que para nós que estamos ali ela é a melhor. A nossa luta pela terra não é pautada por princípios econômicos e sim por fundamentos culturais, ancestrais. É o sentimento de continuidade da luta e resistência. (p. 7)

Assim sendo, o trabalho traz uma preocupação que é a prática do benzimento estar diminuindo no quilombo de Lagoa do Peixe e Nova Volta. Em conversa com benzedeadas dos dois quilombos, estas/es relataram, com certa tristeza, de serem pouco procuradas/os pela comunidade. Segundo elas/eles, “não era assim, o mundo está diferente, agora as pessoas procuram mais o médico.”. Contudo, a geração mais nova diz acreditar nas rezas e benzeções, mas, segundo moradores, não mostram interesse em querer aprender.

Na contemporaneidade, em que a fé e a ciência muitas vezes têm sido colocadas em discussão, os saberes empíricos têm ficado, na maioria das vezes, invisibilizados. Segundo Gonçalves (2011, p. 07), “a Fé necessita da luz da Ciência para não se tornar cega e não se tornar fanática, fundamentalista e perigosa. A Ciência, por outro lado, precisa da Fé para não cair no racionalismo, e não colocar as suas descobertas em malefício da humanidade e do nosso Planeta. A Ciência e a Fé se auxiliam mutuamente para o próprio benefício da humanidade.”. Nesse sentido, tanto o sistema de saúde convencional quanto a terapia têm sua importância, cada uma com suas subjetividades.

Nas apreciações sobre a medicina tradicional, os argumentos se fundamentam nos conceitos de dádiva, dom e contra dom (MAUSS, 1974), e no princípio da reciprocidade (STRAUSS, 1949), pois, neste caso,

(...) o corpo é percebido como espaço privilegiado da manifestação de desajustes nas relações dos homens entre si e deles com as divindades, tendo como pano de fundo os princípios do catolicismo popular. (...). O princípio da reciprocidade está também presente na concepção de que, quando uma pessoa recebe o dom, deve dedicar-se ao cuidado dos doentes. Essa pessoa recebeu um bem raro e deve distribuí-lo, pois a função do dom apenas será cumprida se ele for aplicado ao tratamento das doenças. A distribuição da dádiva pode realizar-se sob a forma de benzimento e orações. No entanto, é importante notar que os portadores do dom de curar consideram-se um canal através do qual a graça divina é transmitida a quem lhes pede ajuda. (ARAÚJO, 2002:27, p. 98).

Essa prática antiga de benzimento está na força do ritual e, conseqüentemente, naquele que o dirige. As/os benzedoras/os são vistas/os como cuidadoras/es das comunidades quilombolas, muitas por serem mãe de *pegação*, como as parteiras são conhecidas na região, prática esta não mais utilizada nas comunidades, e as consideradas mãe de leite¹¹, fazendo parte de uma herança cultural. De acordo com Silva (2017), para contornar os problemas de saúde enfrentados, os quilombolas têm, à sua disposição, os recursos médicos tradicionais, como rezas, bênçãos, chás, etc., não só como alternativa à falta de serviço de saúde de qualidade, mas, também, como prática da cultura tradicional.

Essas cuidadoras são mulheres que ensinam os banhos e chás para as mulheres paridas, orientam nos banhos das crianças para evitar gripe, mau olhado, dentre tantas outras coisas. Estão sempre norteando as pessoas que as procuram com enfermidades no corpo e no

¹¹ Mãe de leite são mulheres que, por um motivo ou outro, amamentaram outras crianças, geralmente de pessoas próximas da família, prática ainda vista nas comunidades da região.

espírito. Tais mulheres são figuras respeitadas e reconhecidas em seus quilombos, referências por construírem, em torno de si, um espaço religioso particular.

Nesse sentido, pode-se dizer que, ao inventariar e registrar as práticas voltadas à cura e ao bem-estar físico e mental, praticado pelas pessoas que benzem e rezam contra os males trazidos pelas comunidades quilombolas, contribuem com a preservação da cultura tradicional da comunidade, além de fortalecer o quilombamento. Assim, e considerando que as escolas e seus currículos se constituem como tempo-espços privilegiados para o conhecimento e o fortalecimento dos saberes ancestrais, o presente trabalho intenciona poder servir de material paradidático, podendo ser utilizado tanto para (in)formação dos/das professores/as, quanto para subsidiar as práticas curriculares da escola Araça/Cariacá, do quilombo Nova Volta.

IV- OBJETIVO GERAL:

Os objetos não existem, para nós, sem que antes tenham passado pela significação. (Lopes e Macedo 2002).

As mulheres e homens que se veem como instrumentos de Deus, cada uma/um com suas singularidades, praticam a caridade levando saúde àqueles que as procuram. Com isso, o objetivo geral da pesquisa visa inventariar e registrar os saberes e fazeres quilombolas em suas práticas de rezas e benzeções com o uso de ramos no quilombo Lagoa do Peixe e Nova/Volta, como possibilidade de potencializar e fortalecer os saberes/fazeres ancestrais nas comunidades quilombolas estudadas, bem como contribuir com subsídios que facilitem a inserção desses saberes nos currículos das escolas.

Diante do objetivo geral é que estabelecemos os objetivos específicos:

- Apoiar e subsidiar a possibilidade da inclusão, nos currículos escolares, dos saberes e práticas tradicionais;
- Levantamento das plantas utilizadas para benzimento;
- Visibilidade e respeito aos anciões/detentores de um saber ancestral;
- Compreender e registrar as histórias de vida dos que exercem o benzimento.

V - CONHECENDO O CAMPO DA PESQUISA

5.1 TERRITÓRIO VELHO CHICO

De forma sucinta, apresento o território de cidadania do Velho Chico, com uma extensão de 46.334,80 km², formado por dezesseis municípios que são: Barra, Bom Jesus da Lapa, Brotas de Macaúbas, Carinhanha, Feira da Mata, Ibotirama, Igaporã, Malhada, Matina, Morpará, Muquem do São Francisco, Oliveira dos Brejinhos, Paratinga, Riacho de Santana, Serra do Ramalho e Sítio do Mato, totalizando uma população de 370.102 pessoas, segundo dados do último senso do IBGE.

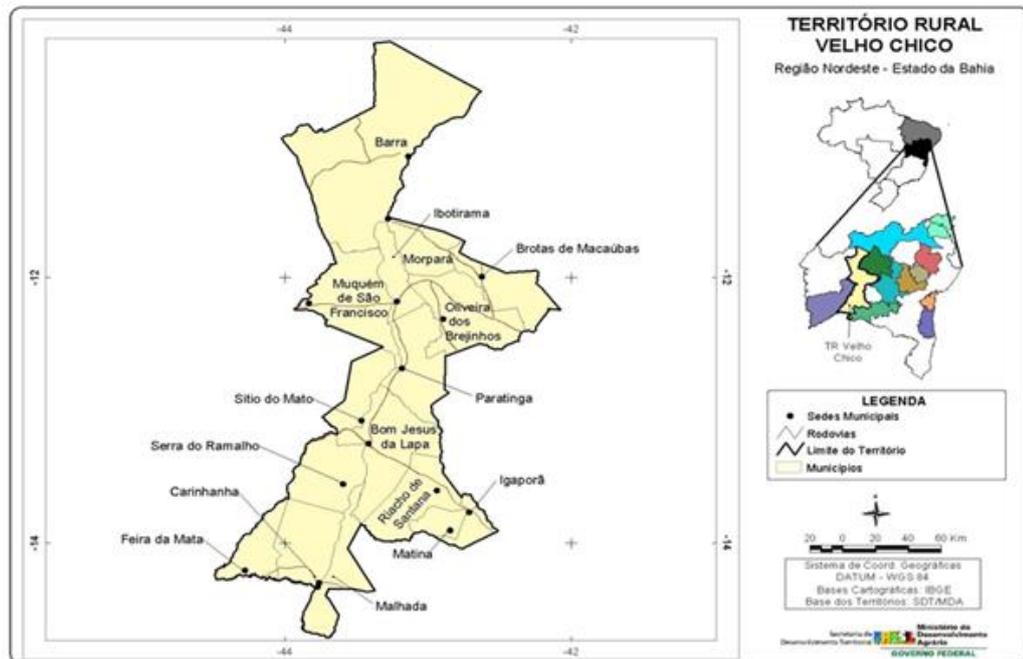
Quanto à questão econômica do território, segundo dados do PTDSS¹², está relacionada com as cadeias produtivas da mandiocultura, apicultura, bovinocultura, piscicultura, horticultura, avicultura, artesanatos e a ovinocaprinocultura, as quais se sobressaem das demais como fontes de geração de renda. Vale ressaltar que a banana é a maior atividade econômica do município de Bom Jesus da Lapa/BA.

O território do Velho Chico é composto por dezenas de comunidades tradicionais, entre elas, 44 territórios quilombolas certificados pela Fundação Cultural Palmares. Contudo, apenas duas comunidades com título da terra, que é o território quilombola de Rio das Rãs no município de Bom Jesus da Lapa, e Magal Barro Vermelho, no município de Sítio do Mato. Vale ressaltar que o quilombo Rio das Rãs¹³ foi o primeiro quilombo, em nível de Bahia, a ser reconhecido pela Fundação Cultural Palmares.

¹² Plano de Desenvolvimento Sustentável e Solidário do território Velho Chico, 2018. Disponível em: <http://www.seplan.ba.gov.br/>.

¹³ O território quilombola de Rio das Rãs fica situado às margens direita do Rio São Francisco, na BA, de 160 a 70 quilômetros da sede do município de Bom Jesus da Lapa. Seu território conta com 37 mil hectares, com aproximadamente 2.000 famílias.

Figura 1 - Território Rural Velho Chico



Fonte: PTDRS do Território Velho Chico (2010)

5.2 BOM JESUS DA LAPA

Esta, por sua vez, fora descoberta em 1691, pelo português Francisco de Mendonça Mar, que era pintor e artista plástico; após andar muitos meses, encontrou, no Morro do Bom Jesus, um abrigo. O Morro possui 90 metros de altura com nove grutas existentes. Contudo, o turismo em Bom Jesus da Lapa iniciou-se sorrateiramente, uma vez que Francisco de Mendonça prestara assistência aos doentes e necessitados. Diante disso, a fama do português propagou-se, atraindo peregrinos de diversas partes do país. Por conseguinte, a romaria nessa cidade tornou-se a terceira maior romaria do Brasil, sendo conhecida como a “Capital Baiana da Fé”. Ela recebe cerca de um milhão e meio de visitantes por ano, entre eles peregrinos, romeiros e turistas.

Na data em que o Monge chegou nesse município, havia entre o Morro e o rio São Francisco apenas algumas palhoças de índios Tapuias. Mas, com o tempo, foi agregando-se devotos que resolveram fazer suas moradias perto do lugar, onde se achava a imagem do Bom Jesus. O Monge construiu junto ao Santuário, um asilo para os pobres e doentes dos quais cuidava. Assim começou a crescer ao lado da lapa do Bom Jesus um povoado, assumindo o mesmo nome de Bom Jesus da Lapa.

Assim sendo, Barbosa (1996) afirma:

Não há como negar ao Padre Francisco da Soledade a primazia de fundador do santuário e de iniciador da romaria ao Bom Jesus da Lapa. Contudo, não é ele o descobridor da Gruta, nem o desbravador e povoador dessas terras onde hoje se assenta a Cidade de Bom Jesus da Lapa. (p.63)

Pode-se notar que, logo que a referida cidade de Bom Jesus da Lapa nasceu, bem antes da chegada do monge à Gruta, aqui já residia Antônio Guedes de Brito, que antes tinha como nome o referido local de “Morro” ou “Itaberaba”, fundador do Morgado da Casa da Ponte, sendo ele mesmo o primeiro Conde da Ponte.

Graças às constantes peregrinações que se transformaram em grandes e permanentes romarias de fiéis ao Santuário do Senhor Bom Jesus, o povoado foi se desenvolvendo, se transformando em vila em 1870, atingindo a categoria de cidade em 1923, quando foi emancipado no dia 31 de agosto desse mesmo ano.

Diante do contexto e da expressão impactante que a Romaria do Bom Jesus demonstra ter, é fácil reconhecer a quantidade de situações interessantes e intrigantes, principalmente quando diz respeito ao turismo religioso.

Com relação ao turismo religioso, podemos citar a atividade turística de Bom Jesus da Lapa, situada aproximadamente a 800 km de Salvador. O município citado tem cerca de 70 mil habitantes, e o seu diferencial é o morro, banhado pelo rio São Francisco, que infelizmente é a segunda opção em termos turísticos, pois a capital baiana da Fé, como é conhecida, é voltada para a pedra.

Figura 2 - Mapa de Bom Jesus da Lapa



Fonte: Google Imagem. Acesso em: 05/12/2019.

Bom Jesus da Lapa recebe romeiros e turistas durante todo o ano, todavia, o período de maior movimentação é de junho a janeiro, visto que em junho acontece uma das maiores romarias: A romaria da terra e das águas que tem um sentido simbólico que traga os povos da região e do Estado. É uma romaria com muita diversidade com ritos e símbolos que representam seu povo. A romaria da terra e das águas e momento do povo louvar e de gritar as injustiças cometidas às comunidades quilombolas aos assentamentos, aos povos indígenas, aos fechos e fundos de pastos entre tantos outros, gritar pelos irmãos/as que já tombaram na luta por justiça.

As romarias da terra e das águas que acontece a mais de quarenta anos, valoriza o religioso, e não falha na sua contribuição profética. Nela os romeiros do Bom Jesus, buscam mais que confortar seus corações, clama a transformação por uma sociedade mais justa, a construção do reino de Deus.

Em agosto, a romaria do Bom Jesus, o santo padroeiro do município, reúne milhares de pessoas a partir do dia 28 de julho, quando se inicia o novenário, levando milhares de pessoas às ruas no dia 6 de agosto durante a procissão. Diante desse cenário, Antônio Barbosa (1996) afirma que:

A própria devoção surgiu e se desenvolveu no interior da fantástica e predestinada gruta, curiosamente esculpida no mesmo calcário, pela mesma natureza, à base da qual desliza, mansamente, contrito, reverente, como que a banhar-lhe os pés, desde tempos imemoriais, o caudaloso rio São Francisco que, no passado, desempenhou importante papel de integração nacional, servindo de ligação entre o norte, o centro e o sul do Brasil despovoado dos dois primeiros séculos de nossa colonização. (p.23)

A Romaria em Bom Jesus da Lapa é vista como um meio de sobrevivência de grande parte dos que aqui moram e, também, de muitos que vêm de fora. São os visitantes que visam somente uma forma de garantir o seu sustento. Embora muitos tenham certa incompatibilidade com isso, ao acharem que o privilégio maior de montar seu negócio por conta do grande número de pessoas que por aqui passam seja, de fato, dos lapenses, ainda há quem passe três ou quatro meses na cidade para garantir seu salário. Dentre essas e outras situações acerca da Romaria na Capital Baiana da Fé, é fácil reconhecer que este é um lugar abençoado e com grande probabilidade de crescimento, tanto econômico quanto cultural.

Dessa forma, torna-se imprescindível a reflexão a respeito do turismo religioso em Bom Jesus da Lapa. Nesta linha de raciocínio, este trabalho busca refletir e analisar como ocorre o turismo religioso nessa cidade. O contexto histórico e a abordagem desse tema

proporcionarão ainda mais embasamento e reflexão, haja vista que o turismo religioso tende a aumentar nos próximos anos.

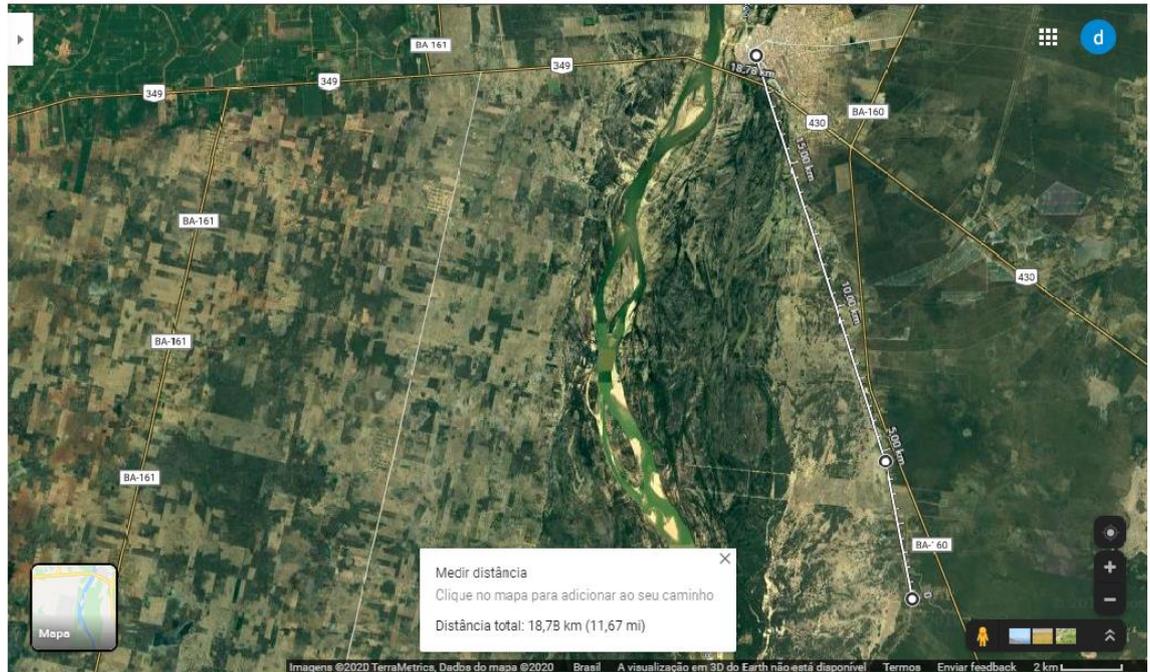
Assim sendo, a cidade de Bom Jesus da Lapa, com toda sua simplicidade, merece toda a atenção acerca desse evento religioso que a torna singular e digna de tantos elogios, mesmo com suas dificuldades. Esta se encontra em desenvolvimento, e cabe ao cidadão que a habita preservar e fazer com que a melhora seja, de fato, possível.

Cabe salientar, ainda, a importância do crescimento da referida cidade no que se refere à chegada de grandes empresas que visam o desenvolvimento da energia eólica e solar. A chegada, todos os dias, de pessoas que vêm com o intuito de trabalho cresce a cada dia, se tornando um crescimento bastante visível nessa cidade.

Diante desse cenário, é permissível acrescentar, ainda, que o município de Bom Jesus da Lapa é referência nacional e/ou internacional no cultivo principalmente da banana, aumentando consideravelmente a contribuição para o setor econômico desse município.

Contudo, cabe concluir afirmando o quão rica é a história de nascimento e edificação do município de Bom Jesus da Lapa – BA, no que tange o seu desenvolvimento. Essa cidade que hoje abriga a terceira maior romaria do país, recebendo cerca de um milhão e meio de romeiros e turistas por ano, tornando-se conhecida não somente nacional, como também internacionalmente. Vale ressaltar que no município de Bom Jesus da Lapa existem dezenas de comunidades quilombolas, das quais duas são objeto de estudo do presente trabalho, como aponto no mapa a seguir.

Figura 3 - Mapa de Comunidades Quilombolas



Fonte: Google Earth. Acesso em: 09/01/2020

5.3 QUILOMBO LAGOA DO PEIXE

A comunidade negra rural quilombola de Lagoa do Peixe localiza-se na BA, na margem direita do Rio São Francisco, no município de Bom Jesus da Lapa, com coordenadas -13.372875, -43.378614. Essa comunidade, ao definir-se como remanescente de quilombo, foi certificada junto à Fundação Cultural Palmares, em dezembro de 2004, conforme exigência legal, para fins de demarcação e titulação das terras imemorialmente ocupadas pelos seus moradores. Desde então, cabe ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) as ações que têm como base legal o Decreto 4887/03, e a instrução normativa INCRA16/2004, instrumentos infraconstitucionais regulamentadores do Art.68 do ato das disposições Constitucionais transitórias da Constituição Federal. (RELATÓRIO TÉCNICO DE IDENTIFICAÇÃO, DELIMITAÇÃO E DEMARCAÇÃO - 2005).

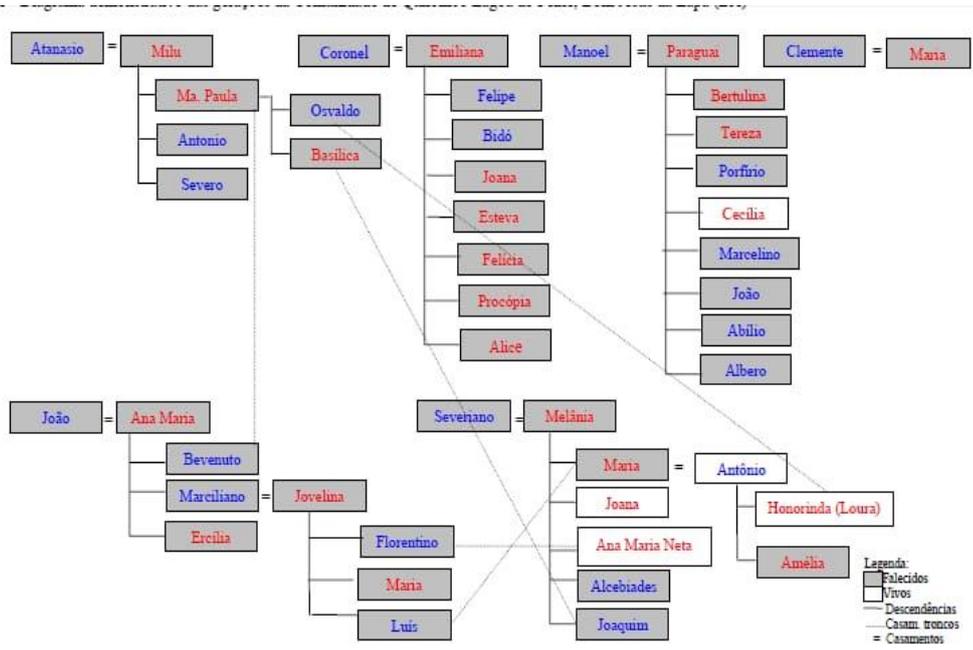
Contudo, o termo “quilombo” vem sendo ressignificado ao longo do tempo. Em 1740, reportando-se ao rei de Portugal, o Conselho Ultramarino valeu-se da seguinte definição de quilombo: Toda habitação de negros fugidos, que passem de cinco, em parte despovoada, ainda que não tenham ranchos levantados e nem se achem pilões nele. (SCHIMT et al, 2002).

Esta caracterização descritiva perpetuou-se como definição clássica do conceito, influenciando uma geração de estudiosos da temática quilombola até meados dos anos 70.

Já para Arruti (2006), a definição de Quilombo generaliza suas características, definindo descritivamente seu caráter normativo: Ruralidade, forma camponesa, terra de uso comum, apossamento secular, adequação a critérios ecológicos de preservação de recursos, presença de conflitos e antagonismos vividos pelo grupo e, finalmente, mas não exclusivamente, uma mobilização política definida em termos de autoidentificação quilombola.

A história da comunidade quilombola de Lagoa do Peixe está embasada na história de seus habitantes que, segundo laudo antropológico, a família de Dona Milu¹⁴ que, com 19 anos, em 1887, chegou à comunidade, onde já existiam moradores e, desde então, deu-se início ao tronco familiar que segue até hoje¹⁵ (RTID, agosto de 2005).

Figura 4 - Diagrama demonstrativo de árvore genealógica das gerações da Comunidade de Quilombo Lagoa do Peixe, Bom Jesus da Lapa (BA).



Milu casou-se com Atanásio e tiveram três filhos, dando início, assim, à árvore genealógica de Lagoa do Peixe. Segundo Laudo Antropológico (2005, p.37), “não foi possível saber se Atanásio nasceu nos arredores ou no próprio quilombo Lagoa do Peixe. As lacunas

¹⁴ SILVA, V.S.; et al. Relatório Técnico de Identificação, Delimitação e Demarcação da Comunidade Quilombola de Lagoa do Peixe/Bom Jesus da Lapa, agosto de 2005.

¹⁵ O tronco de Milu segue hoje no quilombo Lagoa do Peixe, com seus bisnetos e tataranetos dando continuidade à luta por dias melhores.

sobre a vida de Atanásio em Lagoa do Peixe estimulam conjecturas que têm relação direta com a fundação da Comunidade”, como aponta (RTID 2005):

(...) aí, agora os bichinhos já andavam com as latas de gordura frita, não agüentava a dor, parava uma horinha e despejava em cima pra esquentar, foi no tempo dessas escravidão... Morreu... arrebatado... ali nos Campo de Dentro.. Essa iaiá Milu, também o marido dela era assim, era dessa escravidão. A senhora não ouviu falar no negro da Costa? Era negro da Costa ... o marido de iaiá Milu...

A condição de “agregado”, que algumas vezes chegou a serem moradores do quilombo Lagoa do Peixe, alguns sendo do tronco familiar de Dona Milu, sofriam tendo obrigações e favores, além da submissão aos ditames do fazendeiro. No quilombo Lagoa do Peixe, o considerado proprietário da terra, Agenor Magalhães, que é morador de Bom Jesus da Lapa/BA, proibia construções de casas de bloco e cercado de arame, estabelecendo, também, limites para as áreas destinadas ao cultivo.

Em alguns momentos de conflitos, os chamados agregados eram utilizados até mesmo como uma espécie de milícia privada dos fazendeiros. Segundo laudo antropológico da comunidade¹⁶, os moradores relataram acontecimentos como: “O quebra-telhas”, quando o fazendeiro Joaquim Magalhães Prates mandou os agregados destruírem as telhas da casa do Senhor Trajano, morador da comunidade, que teve sua casa destruída pela enchente do Rio São Francisco. Contudo, Trajano procurou um lugar mais alto, onde ele fazia as telhas para construir sua nova moradia. O fazendeiro, contrariado por Trajano não ter pedido permissão para erguer sua casa novamente, mandou que destruíssem as telhas que seriam para a casa nova de Trajano.

Outro fato, relatado no laudo antropológico da comunidade, foi a punição do fazendeiro a um morador, chamado Jorge. Este teria feito um galanteio à esposa do feitor. Para castigá-lo, o fazendeiro/feitor ordenou que Jorge fincasse sozinho todos os mourões de uma cerca de arame em uma das roças de pastejo dos animais. Depois de algum protesto, Jorge colocou os mourões em um local denominado de Campo Largo, e, à noite, fugiu da fazenda. O local ficou conhecido no quilombo como “toras de Jorge”.

¹⁶ SILVA, V.S.; et al. Relatório Técnico de Identificação, Delimitação e Demarcação da Comunidade Quilombola de Lagoa do Peixe/Bom Jesus da Lapa, agosto de 2005.

Figura 5 - Toras do Jorge



Fonte: RTID “Toras do Jorge”, Quilombola Lagoa do Peixe, 2005

Ao longo do tempo, a comunidade de Lagoa do Peixe desenvolveu formas de resistência ao regime de concordância, ou seja, as pessoas trabalhavam para os fazendeiros sem direitos trabalhistas, recebendo o nome de agregados. Contudo, somente no ano 2000 o processo organizativo da comunidade se constituiu efetivamente, em uma ameaça concreta ao sistema geral de submissão imposto pelos fazendeiros.

A organização comunitária teve início em torno da questão previdenciária, porque inexistia documentação que comprovasse o exercício de atividade rural das pessoas da comunidade em idade de aposentadoria. O proprietário se negava a expandir a documentação para que o vínculo empregatício não fosse gerado. Este fato impulsionou a criação, em 2000, da Associação da Comunidade de Lagoa do Peixe, que hoje conta com cinquenta associados, que se reúnem mensalmente no intuito de fortalecimento e melhorias para a comunidade.

O território quilombola Lagoa do Peixe é composto por uma área de 6.926 hectares, com a vegetação predominante da Caatinga. Atualmente, com quarenta e cinco famílias que sobrevivem basicamente da aposentadoria, serviço remunerado por dia de trabalho, pequenas criações e da agricultura.

Alguns moradores trabalham na sede do município, assim como os estudantes da comunidade que saem para estudar na cidade, pelo fato de não ter escola no quilombo. Por muito tempo, de 1985 a 1998, funcionou uma sala de aula no quilombo, em uma casa de taipa, onde os moradores eram alfabetizados da 1ª à 4ª série pela professora leiga Flozina do

Carmo de Jesus¹⁷. Atualmente, duas crianças de Lagoa do Peixe vão estudar no quilombo vizinho, Nova Volta, e outras trinta e nove, entre crianças e adolescentes, na Escola Nossa Senhora Aparecida, na sede do município, onde o ônibus escolar busca os alunos. Segundo a Secretaria de Educação do município, não há escola no quilombo por conta do número insuficiente de alunos/as.

Com a organização da comunidade na luta por dias melhores, houve alguns avanços como, por exemplo, o projeto do Governo Federal intitulado: “Minha casa, minha vida rural”, cuja comunidade, em 2014, foi contemplada com 37 casas, melhorando, assim, a questão de infraestrutura, como será ilustrado a seguir.

Figura 6 - Habitação Quilombola Lagoa do Peixe



Fonte: RTID Habitação Quilombola Lagoa do Peixe, 2005. Tipo de residências que havia antes do Programa Federal: Minha casa, minha vida rural.

¹⁷ Flozina do Carmo de Jesus, moradora do quilombo Lagoa do Peixe, professora leiga atualmente aposentada, que por muito tempo trabalhou no quilombo. Em 2005, concluiu o curso de magistério.

Figura 7 - Residência construída pelo Programa Federal: Minha casa, minha vida rural.



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

Atualmente, o quilombo de Lagoa do Peixe não tem avançado muito em seu processo de desapropriação do território, que compete ao Instituto de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). De acordo com a Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas/CONAQ, titular territórios quilombolas no Brasil é combater o racismo, viabilizando a povos e comunidades negras condições materiais de desenvolver, com autonomia, suas próprias formas de vida.

Diante das lutas diárias das comunidades quilombolas do município de Bom Jesus da Lapa, houve a necessidade de uma organização de maior cunho para fortalecimento dos quilombos, criando, então, a Central Regional Quilombola – CRQ, que atende comunidades do território Velho Chico, dando maior enfoque para as características mais singulares e apoiando nas lutas do dia a dia dos quilombolas.

Diante das lutas e labutas diárias, moradores do quilombo seguem resistindo, com suas crenças, festejos e simpatias, buscando, assim, a força dos seus antepassados e dando continuidade às labutas cotidianas. O quilombo de Lagoa do Peixe festeja o santo São Sebastião, comemorado dia 20 de janeiro. O dono do festejo, senhor Alecy Batista¹⁸, traz a tradição há muito tempo, com reza e enfiçada do mastro, reunindo, assim, parte da comunidade.

¹⁸ Alecy Batista, morador do quilombo, devoto de São Sebastião, festeja há muito tempo o santo. Alecy também é muito procurado na comunidade por rezar crianças contra quebranto, dor de barriga, sol na cabeça...

As atividades no quilombo começam logo pela manhã, com mulheres e homens se dividindo, alguns preparando almoço, outros enfeitando mastro¹⁹, se organizando para o festejo que inicia à noite. A noite de festejo começa com saída do mastro, que sai da casa do imperador²⁰, em procissão até a casa do dono do festejo, havendo, assim, a enfincada do mastro. Em seguida, rezas e benditos são cantados por mulheres e homens. Como agradecimento final do festejo a São Sebastião, há o samba de roda, em que sambam adultos, crianças e “velhos/as de idade”, que cantam assim:

Adeus, adeus, Sebastião, até para o ano, se Deus quiser, se a morte não me levar, eu vou e torno voltar, adeus, adeus, Sebastião, até para o ano, se Deus quiser, se a morte não me levar, eu vou e torno voltar.

Dessa forma, o povo quilombola de Lagoa do Peixe segue organizado, apesar de alguns embaraços, lutando por dias melhores.

5.3.1 Saberes Tradicionais de Agricultores do Quilombo Lagoa do Peixe

Vale salientar que os povos tradicionais carregam um saber ancestral passado de geração em geração. De acordo com Villoro (1982, p.233), “a ciência não pode substituir a sabedoria, nem esta, aquela. Ambas são formas de conhecimento necessárias para a espécie.”. Cunha (2007) nos traz que ambas são formas de procurar entender e agir sobre o mundo. E ambas são, também, obras abertas, inacabadas, sempre se fazendo. Contudo, o saber tradicional e a ciência se fazem necessários para a sobrevivência da humanidade, ambos com suas diferenças.

Sendo assim, a geração mais idosa da comunidade Lagoa do peixe expressa sua forma de viver, aqui falando da agricultura, em que eles são detentores do manejo em suas lavouras. Preces são feitas na época em que agricultores plantam suas roças. Há um saber tão forte com os povos tradicionais, a forma de resistência, o sentimento de pertencimento, a terra, as várias técnicas de plantio, um processo que faz parte da própria essência, da permanência, da espécie, um constante melhoramento que é produto da seleção empírica feita pelos/as agricultores/as.

¹⁹ O mastro é feito de uma madeira roliça podendo chegar até 5 metros de altura, e geralmente apenas as mulheres o enfeitam com papel colorido de seda.

²⁰ Imperador, aqui, é aquele que fica responsável pelo mastro do ano seguinte. Moradores que têm interesse em ser imperador, colocam o nome para sorteio, seguindo, assim, a sorte de cada um/a.

Na Lagoa do Peixe, os/as agricultores/as plantam em duas épocas do ano, que eles chamam de momento das chuvas. Plantam na área de sequeiro, entre novembro e dezembro; e no período de vazante, onde geralmente o rio está diminuindo o nível de água, por conta do período de estiagem na região, entre abril e setembro. As terras que margeiam o rio São Francisco recebem sedimentos argilosos bastante úmidos e férteis, chamados de “lameiro”. Aproveitando a fertilidade advinda das águas, no período de estiagem, em tais terras, os/as agricultores/as plantam suas roças em meados de abril até maio. A forma mais utilizada de plantio pelos/as agricultores/as é com a própria enxada, abrindo as covas, depositando as sementes, sendo mais comuns na área de sequeiro, onde o solo é mais arenoso. O plantio sempre foi consociado, milho, feijão, mandioca, melancia, abóbora, entre outros.

Talvez o maior desafio para compreender como os agricultores (as) tradicionais mantêm, preservam e manejam a biodiversidade agrícola seja reconhecer a complexidade de seus sistemas de produção. Miguel Altieri, (2012,p.29).

Há todo um cuidado, uma preocupação ao plantar suas roças, simpatias e preces são feitas para que a colheita seja farta. Os quilombolas de Lagoa do Peixe utilizam as fases da lua para orientarem-se nas plantações. Quando é lua crescente, eles depositam as sementes de melancia, feijão, milho, entre outros, na terra, pois acreditam que a planta germina melhor nessa fase da lua. A Rede de Agricultura Sustentável - RAS afirma que a Lua Crescente é a fase em que a lua exerce influência muito boa sobre as plantas, nessa fase, a seiva está presente em maior quantidade no caule, nos ramos e nas folhas. (RAS, 2008).

Convém aqui ressaltar a sabedoria dos povos tradicionais, a partir de um sistema de conhecimento “*corpos*”, e com um sistema de crença (*kosmos*), a qual ganha sentido em função da prática (*práxis*), com o qual os mesmos agradam suas necessidades, tanto materiais quanto espirituais (TOLEDO, 2002,p.142).

Para Barrera-Bassols (2003,p.138), os saberes locais incorporam uma visão monista do mundo, de modo que a natureza e a cultura são aspectos que não podem ser separados. Embora os saberes locais sejam adquiridos por meio de um processo de aprendizagem que se vive de forma diferenciada, dependendo da idade e do sexo, o total dos conhecimentos coletivos deve ser entendido como uma teoria social ou como uma epistemologia local, sobre o mundo circundante.

Em trabalho anterior, com sementes crioulas no território de Lagoa do Peixe, moradores relatam o cuidado para com a terra ao plantar e fazer seleção de sementes para o plantio do ano seguinte.

As sementes eram armazenadas em cabaças, paiol, potes, tambores, latas, em panelas de barro; hoje, o mais utilizado são as garrafas PET. Muitas práticas têm se perdido com o tempo. Para a conservação dessas sementes, os/as agricultores/as utilizavam cinzas do esterco de gado, cânfora que conservavam as sementes por mais de anos. Essa diversidade de saberes locais se caracteriza no pertencimento, na sintonia e experiência com o meio natural, como aponta Stefanello (2012), que é interessante ressaltar a importância das "populações tradicionais", que são aquelas que possuem conhecimento da natureza, que se relacionam de forma muito íntima, em simbiose e dependência, conhecendo os segredos, suas propriedades e utilizando dos seus recursos para viver e transmitindo esses valores de geração a geração.

Quanto à questão de combater insetos da lavoura, moradores utilizam práticas agroecológicas ou através de rezas por moradores da comunidade. Na narrativa do morador da comunidade sobre sua lavoura, ele relata:

Para conservar as sementes na roça, colocava cinza da fogueira do Senhor São João, depositava um pouco de cinza em três pontos da roça e deixava o outro liberto, ali você plantava, você colhia, nem o bezecriol precisava passar, colhia a roça todinha e não tinha imundice.

Pensando nas sementes, vale mencionar as práticas agroecológicas que havia muito em suas trocas, hoje há bem menos, um conjunto de conhecimentos e técnicas foi desenvolvido a partir de seus processos de experimentação. Uma característica marcante desses/as agricultores/as tradicionais que ainda prevalece, é o alto nível da biodiversidade e o profundo conhecimento sobre as forças ecológicas que os rodeiam. Há todo um envolvimento, uma sintonia, um sentimento do dar e do receber. Nesse sentido, para envolver adequadamente os saberes tradicionais, é preciso apreender com sabedoria a natureza, da qual se baseia a interrelação entre as crenças, os conhecimentos e as práticas.

5.3.2 Processo de escolarização em Lagoa do Peixe

Em se tratando do quilombo Lagoa do Peixe, não é muito diferente do processo de escolarização de Nova Volta. Poucos tiveram a oportunidade de estudar. Filha do quilombo relata que nos anos de 1971 e 1972, havia uma professora que saía da sede do município de

Bom Jesus da Lapa para a comunidade, muitas vezes a pé, outras montada a cavalo. Era professora leiga e trabalhava para o município. As aulas aconteciam na casa do morador que sedia o espaço, ocorrendo embaixo da latada.

Em meio às dificuldades, as aulas aconteciam em um ambiente sem estrutura nenhuma, porém acolhedor e simbólico. De acordo com Brandão (2007), a educação pode existir livre e, entre todos, pode ser uma das maneiras que as pessoas criam para tornar comum, como saber, como ideia, como crença, aquilo que é comunitário como bem, como trabalho ou como vida.

O quilombo ficou sem aula de 1973 a 1985, quando outra professora leiga, esta moradora do quilombo, facilitou a questão logística, reiniciando o processo das aulas depois de doze anos. As aulas aconteciam na casa da própria professora, que fez uma adaptação em sua casa. Assim, foi até o ano de 1998, quando a professora foi transferida para trabalhar na sede do município com desvio de função, passando a trabalhar na cantina, ajudando nas refeições.

Contudo, os alunos do quilombo passam a estudar na sede do município na Escola Nossa Senhora Aparecida. Atualmente, há trinta e sete alunos que se deslocam para estudar na cidade. Quanto ao traslado, o ônibus escolar transporta alunos do quilombo Lagoa do Peixe e Nova Volta nos três turnos.

5.3.3 Quilombo Nova Volta

O quilombo Nova Volta, situado à margem direita do Rio São Francisco, distante 18 km da sede do município de Bom Jesus da Lapa, com coordenadas -13.417373, -43.369913, conta, atualmente, com 124 famílias, com aproximadamente 700 habitantes. Nova Volta, assim como os demais quilombos, se caracteriza por ter vivido um difícil processo na luta pelo território, ao ter que enfrentar e vivenciar situações conflituosas com os supostos donos da fazenda.

Os moradores do quilombo passaram por momentos difíceis com o fazendeiro Doutor Anísio Borges, como consta no relato deste morador:

Fomos muito massacrados, pagava vinte quatro de serviço por ano para trabalhar. A gente tinha um pedacinho de terra para plantar, criar cabra, ovelha. Com tempo, em 1974, Alvinho Borges, irmão de Anísio Borges, queriam tomar a terra nossa para colocar os gados, os moradores não

aceitaram e fez a proposta ao irmão do fazendeiro em fazer outra roça que os mesmos plantariam o pasto sem cobrar, a fim de não mexer em nossa roças.

Um dos supostos donos da fazenda, o senhor Alvinho Borges, não aceitando a proposta de moradores, acabou vendendo sua parte das terras para Rubens Sena. A partir de então, começou o sofrimento dos moradores da comunidade: não pagava mais o dia de serviço, proibiu criar criações miúdas, começou a matar as galinhas da população. Proibiu moradores de construírem suas casas, dizendo que tinham que morar com os pais, ainda que casados, chegando a proibi-los de pegar água nas lagoas da comunidade.

O agregado do fazendeiro, que atendia por nome de Valdivino Galinha, chegou a proibir praticamente tudo para os moradores da comunidade, a mando do fazendeiro Rubens Sena, inclusive colocando vacas na plantação dessas pessoas. Por último, passou com um trator e destruiu, literalmente, as plantações, restando algumas raízes de mandioca reviradas por essa passagem, que “as mulheres aproveitaram”, diz morador.

Foi feita uma barragem na lagoa que havia na comunidade, proibindo, assim, moradores de pescar e pegar água. Dessa forma, eles passaram a buscar água no Rio São Francisco, a mais de oito quilômetros. Diante de tantas injustiças, em vinte de setembro de mil novecentos e noventa e seis (20/09/1996), cria-se a associação com trinta e dois associados/as na comunidade Nova Volta onde, a partir de então, as coisas começaram a melhorar. Com a associação registrada, as parcerias começam a chegar, tais como a Pastoral da Criança, a Comissão Pastoral da Terra (CPT), Igreja católica; assim, davam suporte à comunidade.

Com a organização da comunidade, os fazendeiros intensificam a luta contra os quilombolas, os amedrontando e ameaçando, a ponto de muitos saírem da associação formada por eles mesmos. Foi com a ajuda de outros companheiros e da resistência dos moradores que, a partir de 2001, com a emissão de posse da terra, os quilombolas continuaram seus trabalhos de roça, podendo, então, organizar novamente suas criações miúdas, na luta por suas terras e território.

Diante das lutas e labutas, os quilombolas são um povo alegre nas suas crenças e festejos, em suas manifestações religiosas. No território Nova Volta, há festas religiosas como Folia de Reis, São Sebastião, São José, Mês de Maria, Santo Antônio, São João, São Pedro, Cosme e Damião, Folia de São Francisco, São Gonçalo, Divino Espírito Santo, Nossa Senhora Aparecida, Todos os Santos, Santa Luzia e Menino Jesus. Durante as festas, há brincadeiras, cantorias, comida, a reza, o samba de roda.

Quanto à agricultura, não é diferente do quilombo Lagoa do Peixe. Moradores plantam suas roças fazendo suas preces para que o ano seja bom de chuva, que seja farto, exercendo, também, suas simpatias, ao jogar sementes na terra.

Hoje, moradores do quilombo de Nova Volta têm conquistado muitos benefícios para a comunidade. Em 1996, saiu o projeto de habitação, com a construção de 120 casas para os moradores. Desde então, outros benefícios foram chegando com a organização e mobilização da comunidade, como estrada, casa de farinha industrial, casa de cultura, galpão, escola. A comunidade segue organizada, reunindo-se mensalmente, discutindo questões internas e externas, fortalecendo a luta de forma constante e ressignificando sua história.

Vale salientar que na comunidade, atualmente, ainda existe o tronco familiar do escravo Roque²¹, do século XIX que, segundo Relatório Técnico, nasceu em 1807, e que no quilombo Nova Volta é conhecido como “herói” por não obedecer ao fazendeiro, que queria vendê-lo e mandá-lo para São Paulo.

O Território Quilombola de Nova Volta possui uma extensão de 9.241 hectares, com uma vegetação predominante da Caatinga. Seus moradores sobrevivem da agricultura, pesca, serviços remunerados por dia de trabalho, autônomos e aposentadoria. A comunidade quilombola de Nova Volta está dividida nas seguintes localidades: Pedras, Retiro, Coxos, Patos, Araçá; foi certificada pela Fundação Cultural Palmares, em 2003, e está em processo de titulação coletiva pelo INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária).

O quilombo de Nova Volta possui um colégio que foi inaugurado em 2014, e acolhe alunos da sua e de outras comunidades, como o quilombo Lagoa do Peixe, o quilombo Bebedouro, entre outras localidades vizinhas. Sendo no turno matutino 77 e vespertino 66, totalizando um número de 143 alunos, entre Educação Infantil e o Ensino Fundamental, segundo diretora da escola. A direção ainda diz ter boa relação com a comunidade, pois, segundo ela, não dá para dissociar uma coisa da outra. A escola conta com 9 professores, sendo a maioria do quilombo Nova Volta.

²¹ Roque Pereira Castro era escravo de Antônio Tanajura e vivia em Caetité com a família Tanajura. Após saber que seria vendido com os demais escravos para uma Fazenda de Café em São Paulo, tentou suicídio, mas sobreviveu. Com a impossibilidade de viajar por conta da tentativa de suicídio, foi mandado para a fazenda da Volta (RTID, setembro de 2009).

5.3.4 Processos de Escolarização do Quilombo Araçá/Cariacá

Não há uma forma única nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar onde ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a sua única prática e o professor profissional não é o seu único praticante (Carlos Rodrigues Brandão, 2007).

Os processos de escolarização nos territórios quilombolas geralmente aconteceram de forma isolada, ou seja, com iniciativa dos próprios quilombolas que, muitas vezes, buscavam meios de ensinar a seu povo as séries iniciais, na época o chamado “ABC”. Nos encontros com colaboradores da pesquisa, em suas narrativas há constantes relatos das dificuldades para estudar na época: “Não tinha escola, tinha que ir estudar na cidade, era longe, não tinha como ir, eu ajudava meu pai na roça” (Diário de campo, 2019).

Em 1982, segundo a professora Maria Benes²², a escola funcionava em uma casa de família na comunidade de Araçá, na beira do rio e embaixo de uma latada²³. Um lugar, segundo ela, bem aconchegante; quando chovia, as aulas aconteciam dentro da casa cedida pelo vizinho por um período de mais de dez anos.

A luta por uma educação de qualidade continuou na comunidade que, na época, também lutava por melhorias. Em 1995, ainda na comunidade de Araçá, é feita uma adaptação na casa onde funcionavam as aulas pelo programa Escola Ativa, sendo um convênio da prefeitura municipal com o Governo Federal, possibilitando um melhor ensinamento, segundo a professora Maria Benes. No ano de 2001, a escola passa a funcionar no Cariacá, em uma casa cedida mais uma vez por um vizinho, até o término da construção da sede da associação da comunidade.

Em 2002, com a construção da sede, é feita uma adaptação, passando a funcionar as aulas até o ano de 2004. No ano seguinte, segundo a direção da escola, são entregues duas salas de aulas com o dinheiro do Programa Emergencial, do Governo Federal, com a finalidade de reforma. Como não havia escola, a comunidade optou pela construção de duas salas de aulas, que teve ampliação no ano de 2007, com mais duas salas, cantina e dois banheiros.

Após sete anos, a comunidade quilombola de Araçá/Cariacá foi uma das comunidades quilombolas, do município de Bom Jesus da Lapa, a serem contempladas com a escola

²² Maria Benes, atualmente, assume a direção da escola municipal Araçá/Cariacá, no quilombo Nova Volta, e é liderança na comunidade.

²³ Latada é um termo bastante utilizado na região, é uma estrutura feita, geralmente, na frente das casas, que são feitas de madeira e cobertas, muitas vezes, com palhas de coqueiro ou outros, servindo como uma área.

quilombola que, no processo de lutas e discussões no campo educacional, foram regulamentadas com a criação de Diretrizes Curriculares Nacionais específicas em 2012, determinando que a Educação Escolar Quilombola ocorresse em escolas inseridas nas próprias comunidades, tendo no currículo temas relacionados à cultura e à especificidade étnico-cultural de cada uma delas (CAMPOS, 2017).

Assim sendo, em primeiro de maio de 2014, o quilombo recebe a escola municipal de Araçá/Cariacá, que acolhe alunos do quilombo Lagoa do Peixe, quilombo Bebedouro, Capão de Areia e Pedras, somando 165 alunos nos dois turnos. A escola possui um quadro de oito professores, sendo sete quilombolas. Contudo, o território quilombola de Nova Volta tem ganhado força e continua na luta por uma educação de qualidade.

5.3.5 Educação Escolar Quilombola

Aqui nesse subtópico abro um parêntese para adentrar de forma breve sobre a Educação Escolar Quilombola, o intuito não é perder o foco da pesquisa, que é sobre rezas e benzeções nas comunidades quilombolas e sim colaborar para que haja uma complementaridade entre os temas e que seja possível falar da Educação Quilombola nessas localidades.

O Brasil é um país de nível continental que apresenta, em sua configuração, milhares de comunidades quilombolas. Organizadas, essas comunidades lutaram e lutam pela garantia do direito de manterem vivas, em seus territórios, suas manifestações culturais, modos de vida e saberes tradicionais que resistiram e resistem ao tempo, durante as gerações.

Com a organização dos movimentos sociais como o movimento negro, movimento quilombola, entre outros, com o objetivo de terem suas demandas atendidas, desenvolveram diversas ações para tencionar o Estado no tocante à construção de políticas públicas para as escolas das comunidades quilombolas. Nesse sentido, as ações do Governo Federal têm como ponto de partida as modificações da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei n. 9394/96), por força da Lei n° 10.639, de 09 de janeiro de 2003, que institui a obrigatoriedade do ensino de História afro-brasileira e africana nos estabelecimentos de Ensino fundamental e Médio, das escolas públicas e particulares brasileiras (BRASIL, 2003), as instituições escolares são convocadas a trabalharem com a diversidade cultural, tendo em vista incluir, nas práticas pedagógicas, as culturas e as histórias que foram silenciadas e subalternizadas pelas políticas educacionais brasileiras (MACEDO, 2017).

Então, podemos dizer que a Educação escolar quilombola está situada em torno das discussões da Educação das Relações Étnico-Raciais, sendo reconhecida pelo Parecer CNE/CP 3/2004 e pela Resolução CNE/CP 01 de 2004; mesmo que, o texto da Lei 10.639/03 em nenhum momento faz referência a quilombos, muito menos às comunidades quilombolas; porém nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, o termo quilombo aparece cinco vezes. Esses textos falam sobre o ensino da história dos quilombos e sobre a infraestrutura das escolas situadas nas comunidades quilombolas, todavia, não trazem uma abordagem mais específica e singular sobre o tipo de educação escolar para esse segmento populacional (OLIVEIRA, 2013).

Já o documento Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais, produzido em 2006, possui uma seção sobre educação quilombola com a indicação de que as crianças, adolescentes e jovens das comunidades quilombolas tenham acesso a um processo educativo formal que contemple a perspectiva de dar sentido aos conteúdos, à aprendizagem, ao conhecimento a partir da natureza histórica e cultural de seus próprios territórios. Além disso, aponta também a “necessidade de pensar as diretrizes para a educação em comunidades quilombolas em termos de concepções gerais, que abranjam a diversidade étnico-racial e regional do país” (BRASIL, 2006, p. 143) e ainda evidencia a importância dada à educação quilombola no Brasil, bem como à elaboração de projetos pedagógicos que enfatizem o princípio de equidade.

Desse modo, pela força das mobilizações realizadas pelos movimentos sociais as discussões em torno da Educação Escolar Quilombola ganham notoriedade no cenário político, tendo como consequência o parecer do Conselho Nacional de Educação, em 2010 (CONAE, 2010), que define a Educação Escolar Quilombola como uma modalidade da Educação Básica. É, também, no ano de 2010, que o Governo Federal, por meio CNE/CEB, portaria nº 5 2010, determina a criação de uma comissão para a elaboração das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola (DCNEEQ).

A educação escolar quilombola compreende as escolas situadas nas comunidades quilombolas, bem como as escolas que atendem estudantes oriundos desses territórios (BRASIL, 2012a). Esta nova modalidade específica de educação exige que as práticas curriculares dialoguem com as culturas, as histórias e os saberes locais dos quilombolas.

Assim, ao longo dos anos, as comunidades quilombolas vêm avançando em seu processo histórico de luta por uma educação escolar quilombola que aconteça de fato, que valorize as questões históricas e culturais de seu povo, as quais se destinam tendo como um de seus princípios e finalidades as Diretrizes Curriculares Nacionais, Estaduais e Municipais, como é o caso da cidade de Bom Jesus da Lapa.

Diante de uma trajetória de esquecimento e invisibilidade, esses documentos representam avanços significativos para os/as quilombolas, pois foram construídos a partir das suas próprias demandas, com a participação dos/as mesmos/as e por definir os quilombos enquanto territórios que agregam diferentes modos de organização social, política, econômica, histórica e cultural. Além disso, reconhece o critério da auto atribuição para reconhecê-los como grupos étnico-raciais e possibilitam as escolas quilombolas autonomia para que seja inserido no currículo as especificidades, os saberes e os fazeres locais. Porém, apesar da importante abrangência dessas diretrizes, há o reconhecimento de que somente com suas publicações não será possível a concretização da educação escolar quilombola, ou seja, é preciso garantir condições efetivas às escolas.

Nesse sentido, percebe-se que muito precisa ser feito, principalmente a efetivação do ensino de História afro-brasileira e africana nos estabelecimentos de Ensino fundamental e Médio, das escolas públicas e particulares brasileiras, como rege a Lei 10.639/2003. Em Nova Volta, por exemplo, a direção da escola diz trabalhar as questões étnico-raciais em algumas disciplinas, gincanas e outros eventos no decorrer do ano letivo, ou seja, de forma pontual, mecânica e superficial. Sobre isso, a professora Dinalva Macêdo, que em seu trabalho de doutorado teve como um dos locais de pesquisa a escola da referida comunidade, diz que esse tipo de prática acaba reproduzindo uma concepção tradicional de educação, sem relação com o universo sociocultural dos/as educandos/as (MACÊDO, 2015).

Nessa perspectiva, as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Escolar Quilombola apontam que a Educação Escolar Quilombola deve garantir aos/as educandos/as o direito de se apropriarem dos conhecimentos construídos tradicionalmente em seus territórios, de modo a garantir seu reconhecimento, valorização e manutenção. E como modalidade de ensino das escolas da Educação Básica o documento propõe que se fundamenta e se alimenta dos seguintes elementos:

- a) da memória coletiva;
- b) das línguas reminiscentes;
- c) dos marcos civilizatórios;
- d) das práticas culturais;

- e) das tecnologias e formas de produção do trabalho;
- f) dos acervos e repertórios orais;
- g) dos festejos, usos, tradições e demais elementos que conformam o patrimônio cultural das comunidades quilombolas de todo o país;
- h) da territorialidade (BRASIL, 2012, p. 3).

Desse modo, a promulgação das DCNEEQ, abre possibilidades de relacionar a educação quilombola com a educação escolar quilombola. Sendo que, a primeira compreende os conhecimentos construídos a partir dos acontecimentos das comunidades, seus modos vida, de organização, produção, saberes, fazeres e que está presente na maioria dos espaços do território. A segunda, para além da definição apresentada pelas diretrizes, é a relação dos saberes produzidos pelos/as quilombolas com os conhecimentos sistematizados, dito de outra forma, científicos e que são ofertados no ambiente escolar. O relatório final presente no texto base das Diretrizes da Educação Quilombola do Estado da Bahia trás a seguinte definição:

A Educação e a Escola Quilombola estão imbricadas uma na outra, mas se distinguem. Educação Quilombola refere-se a todo processo de ensino e aprendizagem que se dá no território cultural quilombola, como os modos de produção, de trabalho, de cultivo, de festas populares e religiosas, de ritos, de folguedos, de arte, de línguas e linguagens, produzidos pelos quilombolas dentro e fora das comunidades, e pela produção de conhecimentos produzida nas comunidades quilombolas, pelos quilombolas e não-quilombolas, desde que aprovados e consentidos pela comunidade de quilombos. A escola quilombola, por sua vez, é o espaço escolar dentro dos territórios quilombolas, ou que atende a clientela [público] quilombola, que tem o dever de socializar o conhecimento produzido pelas gerações e diversas culturas do planeta e, ainda, dar ênfase ao modo de produção e difusão do conhecimento dos indivíduos e grupos quilombolas, no intuito de socializar para os quilombolas o conhecimento produzido pelas diversas culturas do planeta, e, ao mesmo tempo, socializar para as diversas culturas no mundo, as experiências e conhecimentos quilombolas²⁴.

Com base nessas colocações compreendemos que as deliberações expostas desde o princípio da elaboração das diretrizes já apontavam para a construção de um currículo quilombola que possa continuamente fazer uma conexão entre os saberes tradicionais locais e os saberes científicos, em todas as etapas e modalidades da educação escolar quilombola. Conectar e articular esses diferentes saberes proporciona uma contextualização dos processos de ensino aprendizagem de modo contrário aos currículos estruturados hegemonicamente pelo Estado, que na maioria das vezes anula os saberes tradicionais e tenta homogeneizar os corpos.

²⁴ (Relatório final – texto base das Diretrizes da Educação Escolar Quilombola do Estado da Bahia, 20.08.2011. In: MACÊDO, 2015, p. 95).

Dessa forma, as DCNEEQ trás no artigo oitavo como um de seus princípios a necessidade de implementação de um currículo escolar aberto, flexível e de caráter interdisciplinar, elaborado de modo a articular o conhecimento escolar e os conhecimentos construídos pelas comunidades quilombolas. E como definição de currículo apresenta o seguinte no artigo 36:

O currículo da Educação Escolar Quilombola diz respeito aos modos de organização dos tempos e espaços escolares, de suas atividades pedagógicas, das interações do ambiente educacional com a sociedade, das relações de poder presentes no fazer educativo e nas formas de conceber e construir conhecimentos escolares, constituindo parte importante dos processos sociopolíticos e culturais de construção de identidades.

Diante disso, podemos dizer com convicção que a construção desse currículo somente será possível com a participação dos/as quilombolas, por meio de suas próprias narrativas, para que sejam evidenciadas suas histórias, memórias e suas diferenças enquanto povo quilombola. A nossa batalha converge então para um currículo que tenha a cara dos quilombos e dos sujeitos quilombolas, de modo que se possa contar e ensinar seus saberes e fazeres, seus cantos e preces. Sendo assim, esse trabalho, além dos objetivos demarcados inicialmente, tem a intenção de contribuir com as escolas no conhecimento sobre os saberes e fazeres das/os benzedadeiras/os e rezadeiras do território Lagoa do Peixe e Nova Volta, a fim de que esses conhecimentos não sejam utilizados como folclore e descaracterizados do contexto, mas sim como uma riqueza cultural e histórica.

As imagens abaixo são da escola do quilombo Nova Volta, durante seu processo de luta.

Figura 8 - Casa que funcionava como escola na comunidade Araçá



Fonte: Acervo da comunidade: casa que funcionava como escola na comunidade de Araçá nos anos 80.

Figura 9 - Escola da Comunidade Nova Volta



Fonte: Acervo pessoal, ano de 2005.

Figura 10 - Escola no Quilombo Nova Volta



Fonte: Acervo pessoal da autora: Escola no quilombo Nova Volta, ano 2014

VI - CONSTRUINDO O CAMPO METODOLÓGICO

Nas comunidades tradicionais, sempre há a figura dos mais “velhos” como referência para todos do local, com suas experiências de vida, seus ensinamentos, seus saberes, dentre outros. Nesse aspecto, trago a figura desses sujeitos, com suas experiências de vida, com rezas e benzeções. A experiência se desenvolve a partir de outras experiências e estas levam a outras. Dessa forma, Dewey (1971, p. 26) entende que “um critério da experiência é a continuidade”. Há sempre uma história envolvida, que está sempre mudando. “Experiência acontece narrativamente. Pesquisa narrativa é uma forma de experiência narrativa.” (CLANDININ e CONNELLY, 2011, p.49).

Nessa perspectiva, trago aqui uma metodologia de caráter da cartografia social, uma ferramenta de transformação e planejamento utilizada para ajudar em processos comunitários de forma participativa dos atores sociais, permitindo construir um conhecimento aprofundado de seu território, utilizando instrumentos técnicos e vivenciais de maneira coletiva.

Antes de aprofundar nos aspectos metodológicos, faço um breve relato da vida dos sujeitos da pesquisa, os detentores dos saberes ancestrais das comunidades quilombolas aqui pesquisada.

NATALINA CASTRO BORGES

Figura 11- Benzedeira do quilombo Nova Volta



Fonte: Irmão Ivanor Borges

Natalina Castro Borges, mulher negra de 89 anos benzedeira e rezadeira da comunidade quilombola de Araçá/Volta em Bom Jesus da Lapa /BA.

Nascida em 25 de dezembro de mil novecentos e trinta e um, filha de Procópio Pereira Castro e Maria Pereira Castro, ambos do quilombo Araçá/Cariaca. Seus pais tiveram sete filhos segundo Dona Natalina, quatro mulheres e três homens, todos nascido no quilombo com ajuda de parteiras. Seu pai Procópio, trabalhava de vaqueiro e ela junto com os demais irmãos sempre ajudava seus pais.

Dona Natalina se casou aos dezenove anos com Dinário Borges, depois de três anos os mesmos foram para São Paulo onde moraram por mais de trinta anos. Nesse período, Dona Natalina diz que trabalhava como cozinheira e vinha em Bom Jesus da Lapa a passeio, visitar a família. Aos cinquenta e cinco anos ficou viúva e voltou para sua cidade natal.

Ainda em São Paulo, Dona Natalina deu início a sua experiência no processo de aceitação em realizar cultos religiosos de matriz africana. A mesma diz que não queria aceitar sua missão, mas os sinais se manifestavam cada vez mais forte, até que ela resolveu aceitar. Sendo que, nessa época estava com sessenta anos. E atualmente, aos oitenta e sete anos, continua na ativa, com seus trabalhos realizados a cada quinze dias no quilombo Araçá/Cariacá.

ALECI BATISTA DE JESUS

Figura 12- benzedor e rezador do quilombo Lagoa do Peixe



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Aleci Batista, morador do quilombo Lagoa do Peixe em Bom Jesus da Lapa/BA. Nasceu em primeiro de julho de mil novecentos e cinquenta e sete, no próprio quilombo com ajuda da parteira Erminia, carinhosamente chamada de Iaiá Milú.

Sendo o filho mais velho dos quatro irmãos, ajudava sua mãe a cuidar dos demais. Segundo o entrevistado, as coisas eram muito difíceis. Sua mãe, Joana Maria que se aproxima de seus noventa anos de idade, mulher forte que teve seus quatro filhos em casa, os criou sozinha.

O senhor Aleci, relata ainda que o tempo era difícil, pois não teve oportunidade de estudar, *“tinha que trabalhar eu não tinha como estudar, as vezes passava uma semana fora de casa trabalhando”*. Desde muito cedo sempre trabalhou na roça, ajudava sua mãe no plantio de feijão, milho, melancia, abobora, mandioca, entre outros. Plantava para consumo e vendiam na feira da cidade. Também não tinha energia elétrica e nem água, a água ficava distante, carregava na cabeça as latas d’água e em cabaças. A luz era de candeeiro. *“Hoje as coisas estão mais fáceis”*, diz o senhor Aleci.

Aleci Batista se casou aos vinte e três anos com Rosa Batista e tiveram uma filha. Com sessenta e três anos, continua a trabalhar em sua roça, o mesmo diz que hoje está um

pouco melhor, pois pode pagar um, dois dias de serviço, já que a idade não permite mais alguns serviços braçais.

No que diz respeito a religiosidade, o senhor Aleci contou que trabalhou em sua casa por um tempo com mesa branca, mas que seu tempo venceu. Mesmo assim mantém em um canto da casa uma mesa com seus santos. O mesmo é devoto de São Sebastião e festeja há mais de vinte anos em sua casa o 20 de janeiro, data dedicada ao santo. Nesse sentido, o senhor Aleci com seus cabelos brancos é um homem de luta, com seus saberes e fazeres quilombolas que tanto tem contribuído no quilombo Lagoa do Peixe.

MARIA APARECIDA DE JESUS

Figura 13- benzedeira do quilombo Lagoa do Peixe



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Maria Aparecida de Jesus nasceu no dia vinte e sete de agosto de mil novecentos e cinquenta e nove, no quilombo Lagoa do Peixe e também contou com a ajuda da parteira Erminia. Mulher forte, mãe de nove filhos, quatro pariu no quilombo com a ajuda da sua mãe que era parteira e os outros cinco ela diz que pariu no hospital da cidade de Bom Jesus da Lapa.

Em seu relato Maria Aparecida diz, que sua mãe Joana Maria, criou os quatro filhos sozinha com muita dificuldade. Sendo assim, ainda criança teve que ajudar sua mãe, tanto na roça quanto nas atividades domésticas. “A água era muito longe pra gente pegar, trazia na

cabeça a lata d'água”. Maria Aparecida relata que aos doze anos de idade começou trabalhar em casas de família na cidade e pode assim ajudar sua mãe financeiramente.

Quanto aos estudos, Maria Aparecida diz ter estudado um pouco em Lagoa do Peixe com uma professora que saía da sede do município para dar aula na comunidade. Estudou também em outra comunidade próxima com nome de Juazeirão. Em mil novecentos e oitenta e oito, Maria foi para Brasília, onde ficou por oito meses trabalhando de doméstica.

Ao retornar para Bom Jesus da Lapa, volta a morar no quilombo para cuidar dos filhos, a mesma diz que “dava” dia de serviço na roça para cuidar dos filhos. Na roça plantava feijão, melancia, milho, abóbora, entre outros. Maria Aparecida acrescenta que pescava e vinha a pé com saco de peixe na cabeça vender na feira da cidade. Assim criou seus filhos com muita luta.

Maria Aparecida de Jesus, mulher forte, tem o rosto queimado pelo sol na labuta diária. Porém, mostra que mais que tempos difíceis é a esperança de dias melhores. Com vinte e dois netos, os quais ela ajuda criar, ressalta o quanto tem aprendido com a vida. O ofício de benzedeira e rezadeira diz ter aprendido com sua mãe Joana Maria, que aprendeu com sua avó Malânia de Jesus, ou seja, são saberes repassados de geração em geração.

JOAO PEREIRA PAULO

Figura 14- rezador do quilombo Nova Volta



Fonte: Arquivo pessoal da autora

O senhor João Pereira Paulo, natural da comunidade de Araçá localizada na margem esquerda do Rio São Francisco e pertencente ao município de Serra do Ramalho. Nasceu no dia dez de outubro de mil novecentos e quarenta e seis. Seus pais Otaviano Pereira Paulo e Benedita Maria da Conceição tiveram nove filhos. Seu João é o segundo filho, mas de acordo com o mesmo, seu irmão mais velho morreu ainda criança. Então, ele ficou como o mais velho. Dos nove irmãos só ficaram três, os outros seis faleceram ainda criança. Aos nove anos de idade perdeu seu pai e sendo o mais velho ajudou sua mãe a cuidar dos irmãos.

Seu João trabalhou na roça desde criança. Depois de dois anos da morte de seu pai, perdeu sua mãe. A partir de então ele e seus irmãos passaram a morar com sua avó Mariinha que era parteira e carinhosamente apelidada por “Mainha” na comunidade Cariacá. João e seus irmãos ajudavam a avó no plantio de feijão, milho, abobora, melancia, etc.

Quanto a escola, João diz que ele aos treze anos de idade nunca tinha ido a escola, “*eu não lembro a idade que eu tinha quando fui na escola na escola, eu tive ai na escola da finada Luiza, eu li o abc cartilha que era o que tinha naquele tempo*”. Seu João disse não continuar por não ter condição, pois o mesmo tinha que trabalhar para ajudar sua avó.

O senhor João diz, que depois de algum tempo, um senhor com nome de João Palha que era professor, andava pela comunidade de Cariacá vendendo cereais. Segundo o mesmo, por ser um professor muito bom, os moradores da comunidade pagavam para dar aula, mas ele não tinha como pagar, pois já trabalhava para arcar com os estudos de seus dois irmãos.

Como o professor dava aula nas casas, algumas vezes chegou a dar aula na casa de João Paulo. Sendo que o professor João Palha não cobrava dele por vero tamanho do seu esforço. João Paulo diz que quando não ia trabalhar para alguém para pagar a escola de seus irmãos ele ia pescar. Em sessenta e oito, Dona Mariinha a avó de João Paulo morre, depois disso, seus dois irmãos, todos já adultos saíram de casa para “tocar a vida”, como diz ele.

Segundo o entrevistado, continuou na casa da avó morando sozinho, trabalhando na roça e “dando” dia de serviço quando achava. Em sete de agosto de setenta e um, casou-se com Maria da Soledade Pereira Paulo e tiveram oito filhos. João fala que apesar das dificuldades que foi sua vida desde criança, aprendeu muito com todos os tropeços.

MARIA DA SOLEDADE P. PAULO

Figura 15- benzedeira e rezadeira do quilombo Nova Volta



Fonte: Arquivo pessoal da autora

A senhora Maria da Soledade nasceu em dez de outubro de mil novecentos e cinquenta e quatro. É filha de Joaquim Pereira e Maria dos Anjos Pereira Lopes. A mesma relata que seus pais tiveram dez filhos, todos nasceram em casa com ajuda de parteira. Todos os filhos ajudavam os pais na roça desde criança, pois era tudo muito difícil, diz Maria da Soledade. Meu pai plantava milho, feijão, mandioca, melancia, banana. Acrescenta que naquele tempo tinha muita chuva, então havia fartura. Ela juntamente com seus pais vendia na feira da cidade e por não ter transporte partiam a pé com a trouxa na cabeça.

Ela relata que se casou aos 17 anos com João Pereira Paulo e tiveram oito filhos. Hoje, todos já estão criados. Já são mais de quatro décadas de convivência. Os mesmos continuam plantando suas roças, por conta da idade, o tamanho reduziu. “*Minha vida foi sempre muito difícil, Cá, desde criança foi difícil (risos), eu era muito doente*”.

Maria da Soledade é evangélica, mas diz que isso não interfere em suas práticas de rezar e benzer quem a procura. Ressalta que é missão que Deus deixou pra ela. Uma mulher negra quilombola que com todas as dificuldades da vida, não deixou de acreditar.

ANA MARIA DE JESUS NETA

Figura 16- benzedeira e rezadeira do quilombo Lagoa do Peixe



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Aos onze dias do mês de agosto de mil novecentos e trinta e quatro, nasceu Ana Maria de Jesus Neta. Sua mãe era Malania Maria de Jesus e seu Severiano Batista Nogueira. Essa senhora chegou na comunidade Lagoa do peixe com aproximadamente quatro anos de idade juntamente com seus pais e mais quatro irmãs. No quilombo, cresceu ajudando sua família na roça e nos serviços domésticos. Quanto à escola, Ana Maria diz que era difícil estudar na época dela.

A mesma fala que viveu tempos difíceis. Casou-se com Florentino Pereira da Silva e tiveram cinco filhos. Deu continuidade ao trabalho na roça juntamente com seu esposo, “dando” dia de serviço quando achava. No ano de 1996 seu esposo falece e ela da continuidade a sua vida junto com os filhos/as e netos. Ela é uma mulher experiente que tem respeito pelas matas e as águas, pois diz que existem muitos segredo se que precisam ser respeitado.

Ana Maria é benzedeira e foi parteira, mulher valente que gosta de contar histórias, gosta de rezar. De acordo o seu relato, antigamente as pessoas saíam rezando a noite toda para alimentar as almas, mas hoje o povo está descrente, não acredita mais nas coisas de Deus.

Atualmente com a saúde debilitada, enxerga e ouve muito pouco. Segue tocando a vida da forma que pode com os cuidados da família.

DALVINA BATISTA

Figura 17- benzedeira do quilombo Lagoa do Peixe



Fonte: Rosilene Batista

Dalvina Batista Silva nasceu no dia vinte dois de maio de mil novecentos e sessenta e cinco, no quilombo Lagoa do Peixe com a ajuda da parteira Iaiá Milú. Seus pais Basilícia Pereira Nunes e Joaquim de Jesus que tiveram cinco filhos, todos em casa. Dona Dalvina relata que na sua infância teve que ajudar seus pais na roça.

Aos dezenove anos casou-se com Manoel das Dores e tiveram quatro filhos. A mesma diz que ao se casar, passou a morar em outra localidade chamada Juazeirão onde morou por um bom tempo. Com o passar dos anos, Dona Dalvina voltou a morar com seu esposo e filhos no quilombo Lagoa do Peixe onde segue a vida trabalhando em casa nos serviços domésticos e ajudando seu esposo na roça.

Quanto à escola, destaca que estudou até a primeira série. Hoje com cinquenta e cinco anos, a mesma fala de sua alegria em poder estudar novamente. Dona Dalvina estuda na turma da Educação de Jovens e Adultos no quilombo Lagoa do Peixe. É benzedeira e diz da importância que é preservar as práticas culturais deixadas pelos mais velhos.

Dessa forma, essas mulheres e homens possuem um papel fundamental nesses quilombos contribuindo com a preservação das rezas e benzeções deixada pelos nossos ancestrais. Assim, passo a detalhar passo a passo do caminho percorrido da pesquisa com esses sujeitos que muito contribui com a luta do nosso povo.

O método da cartografia social já foi utilizado em outros momentos em Lagoa do Peixe e Nova Volta. Em 2006, a Comissão Pastoral da Terra (CPT), juntamente com a comunidade Lagoa do Peixe, fizeram o mapa do território em um papel madeira colocando, a princípio, as extremas da comunidade, ou seja, quem são os vizinhos que a comunidade possui no sentido Leste, Oeste, Norte e Sul, tornando o momento da construção do mapa bastante participativo por moradores durante um dia inteiro de trabalho. Na época, uma atividade de bastante relevância para a comunidade, que iniciava o processo de luta de forma mais intensa pela desapropriação do território de Lagoa do Peixe.

Assim sendo, a metodologia social, utilizada mais uma vez depois de alguns anos para a pesquisa aqui apresentada, possibilitou que os moradores reconstruíssem seu território agora em papel madeira, percebendo, assim, que a construção de mapas territoriais não é algo estático, mas um processo permanente de construção e reconstrução. Nessa reconstrução do mapa em Lagoa do Peixe, notaram-se mudanças significativas como a construção de 37 casas com o projeto do Governo Federal “Minha casa, minha vida rural”, bem como a construção da sede da associação. Ao passo que os moradores refaziam o mapa, lembravam dos lugares, como a casa de farinha, que não existe mais.

Notou-se que, na construção dos mapas de ambas as comunidades, houve uma identificação de cada lugar feito por moradores, uma reafirmação, o reencontro em voltar no tempo e reviver o processo de lutas e conquistas alcançadas, possibilitando-lhes falar sobre si e sobre suas territorialidades.

Gorayeb (2014) entende a cartografia social como um instrumento que permite mapear territórios e defender os interesses das comunidades, assegurando seus direitos e anseios. De acordo com esse autor, a cartografia social contribui para a preservação socioeconômica e cultural dos territórios tradicionais.

Para Almeida (2013), a cartografia social não deve se limitar a meros critérios geográficos, pois seus mapas representam produtos de relações sociais, não sendo exatamente temáticos. A cartografia social não pode ser reduzida, nesse sentido, a um zoneamento ecológico, distinguindo biomas e ecossistemas, propiciando uma visualização das características físicas do mundo através de levantamentos planimétricos, altimétricos e quejandos (ALMEIDA, 2013, p. 167). O mesmo autor acrescenta que a cartografia social revela condições de possibilidades de localizar os povos e as comunidades tradicionais no mapa.

A “nova cartografia social” revela-se consoante estes meios e condições de possibilidades do presente, que facultam a identificação do território e a história social a povos e comunidades tradicionais, considerados “sem história” e “sem lugar” no mapa oficial. Estes povos só recentemente, sobretudo com as mobilizações que resultaram na Constituição de 1988, conquistaram o direito à representação política emancipados dos mediadores históricos (ALMEIDA, 2013, p. 167).

Assim sendo, a cartografia social possibilita os sujeitos a falarem sobre si mesmos e sobre seu território, uma vez que a troca de conhecimento é obtida pela elaboração coletiva de mapas, que desencadeiam processos de comunicação entre os participantes, colocando em destaque as diferentes formas de saberes, que se misturam na construção coletiva do território.

A pesquisa aqui apresentada é, também, de cunho qualitativo. A pesquisa qualitativa busca analisar os dados em toda sua riqueza, respeitando, no possível, a forma de registro ou transcrição.

Nessa perspectiva, foram envolvidos moradores das duas comunidades quilombolas, de maneira que se viram motivados a dar suas contribuições e todo o conhecimento empírico. Essa participação igualitária é uma estratégia para que, juntos, seja possível a construção de melhores condições de vida para a comunidade.

Os dados aqui coletados são mais uma forma de palavras ou figuras do que números. Dessa forma, as informações incluem entrevistas transcritas, conversas, depoimentos, notas de campo, fotografias, oficinas na comunidade quilombola de Lagoa do Peixe e Nova/Volta, com a ideia de buscar cartografar as rezadeiras e benzedadeiras, dando sabor a este estudo. Os encontros com esses sujeitos de “mais idade” se deu, majoritariamente, de forma individual, em suas respectivas residências e em um segundo momento, de forma coletiva com a comunidade, na construção dos mapas sociais de seu território.

Contudo, aprender a ouvir, a respeitar, a não julgar e a refletir sobre as opiniões que diferem das demais é bastante válido. É importante, também, conhecer o cotidiano das pessoas, trocar informações, valorizar as experiências e os saberes locais, pesquisando e testando instrumentos que, de alguma forma, busquem contribuir para a compreensão dos problemas que, por vez, pode ser de todos. É importante ressaltar, então, que no tocante à coleta de informações, a pesquisa ocorreu por meio de etapas.

O presente trabalho foi realizado em etapas, sendo a primeira a sensibilização por meio da explicação da proposta do trabalho a ser desenvolvido, em contrapartida para obter a aceitação da comunidade.

Primeiro momento: No quilombo Nova Volta, em março de 2019, houve uma articulação com lideranças da comunidade por parte da pesquisadora, com o objetivo de falar com a comunidade. Com a informação de lideranças que a comunidade se reúne mensalmente, tendo como finalidade discutir questões internas, externas e para sua própria organização. Assim sendo, foi feito o convite para participar da reunião mensal da associação. Havendo o primeiro contado com a comunidade, que foi de sensibilização por meio da explicação da proposta do trabalho, lembrando que esse primeiro encontro foi em assembleia da comunidade com, aproximadamente, 47 pessoas, obtendo, assim, a aceitação da proposta. Alguns desses momentos, em que houve diálogo com a comunidade, podem ser visualizados nas imagens que seguem:

Figura 18 - Apresentação da proposta em Nova Volta



Fonte: Acervo pessoal.

E no quilombo Lagoa do Peixe não foi muito diferente do de Nova Volta. A comunidade se reúne no terceiro domingo de cada mês, discutindo a organização interna e externa da associação, entre outros assuntos. Em março de 2019, apresento a proposta do trabalho para a comunidade que estava em assembleia com, aproximadamente, 32 pessoas, as quais aceitaram a ideia.

Figura 19 - Apresentação da proposta em Lagoa do Peixe



Fonte: Acervo pessoal.

Partindo para o segundo passo da pesquisa, foi feito um breve mapeamento das rezadeiras e benzedoras dos quilombos em questão. O mapeamento realizado segue para a terceira etapa que foram as conversas, tanto em Lagoa do Peixe quanto em Nova Volta, com benzedoras e rezadeiras de forma individual sempre que necessário, com moradores, neste caso os mais velhos, que foram os informantes-chave para a realização do trabalho.

Vale ressaltar que a pesquisadora tentará analisar os dados em toda sua riqueza, respeitando, no possível, a forma de registro ou transcrição. O enfoque dos dados pesquisados deverá sempre demonstrar a perspectiva dos significados atribuídos pelos participantes.

Figura 20 - Conversa com benzeadeira de Lagoa do Peixe



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 21 - Conversa com benzeadeira, quilombo Nova Volta



Fonte: Acervo pessoal.

A geração mais idosa das comunidades de Lagoa do Peixe e Nova Volta expressa sua forma de viver, tem seus saberes que alegram, revigoram, inspiram um viver e aprender. Um povo simples, com uma relação incrível de respeito com a natureza.

Figura 22 Conversa com rezador, quilombo Nova Volta



Fonte: Acervo pessoal.

Outras estações do percurso que foi dado como quarto momento foi a realização de oficinas na construção dos mapas dos territórios quilombolas, junto com a comunidade, retratando o cotidiano da população em uma base cartográfica. A cartografia social é uma ferramenta que possibilita aos participantes exibir todo o conhecimento que possuem em relação com a terra e o seu território, uma forte afinidade de pertencimento, identificando cada ponto dos quais acham importantes, tais como casas de benzedeiras, lagoas, riachos, árvores centenárias, currais, entre outros.

Os mapas sociais são representações do espaço, feitos pelas pessoas que ocupam um território, nos quais apresentam a forma como vivem e trabalham, os espaços simbólicos, afetivos (ACSELRAD, 2014 a). No mapeamento social, as comunidades representam o seu mundo a seu modo. E um mapa não é algo fechado, mas um processo permanente de construção.

Para a realização da oficina em Lagoa do Peixe, utilizou-se o espaço da sede da associação com dez pessoas, e em Nova Volta, a casa de liderança da comunidade, com cinco pessoas, ambas em março de 2020, sendo um número pequeno de pessoas nas duas

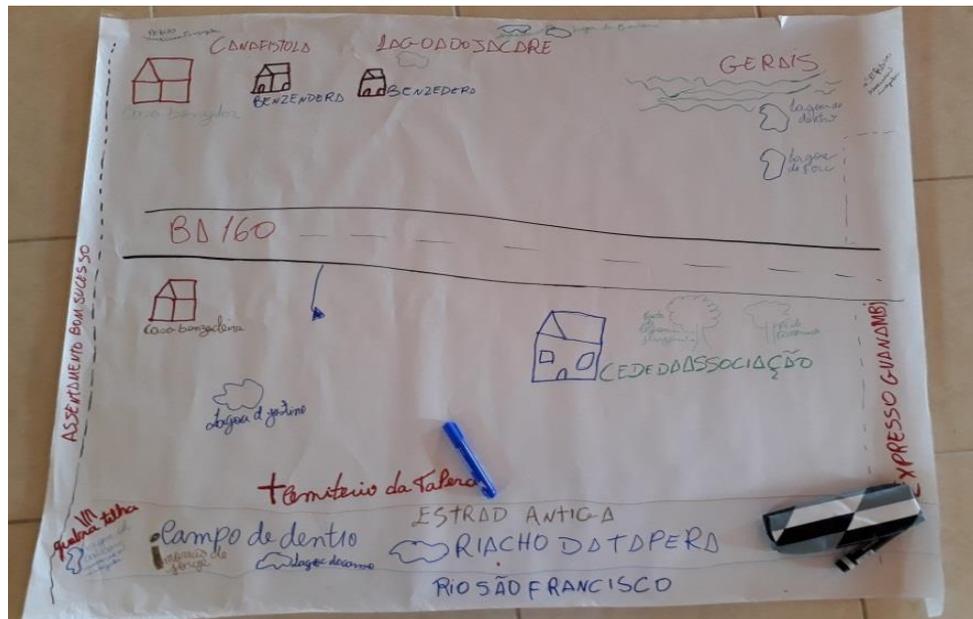
comunidades, devido à proibição de aglomeração de pessoas por conta da pandemia do coronavírus.²⁵

Figura 23- Construção do mapa territorial Lagoa do Peixe



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 24 - Mapa, território Lagoa do Peixe



Fonte: Acervo pessoal.

²⁵ Segundo o Ministério da Saúde, Coronavírus é uma família de vírus que causam infecções respiratórias. O novo agente do coronavírus foi descoberto em 31/12/19, após casos registrados na China. Provoca a doença chamada de coronavírus (COVID-19). Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/>

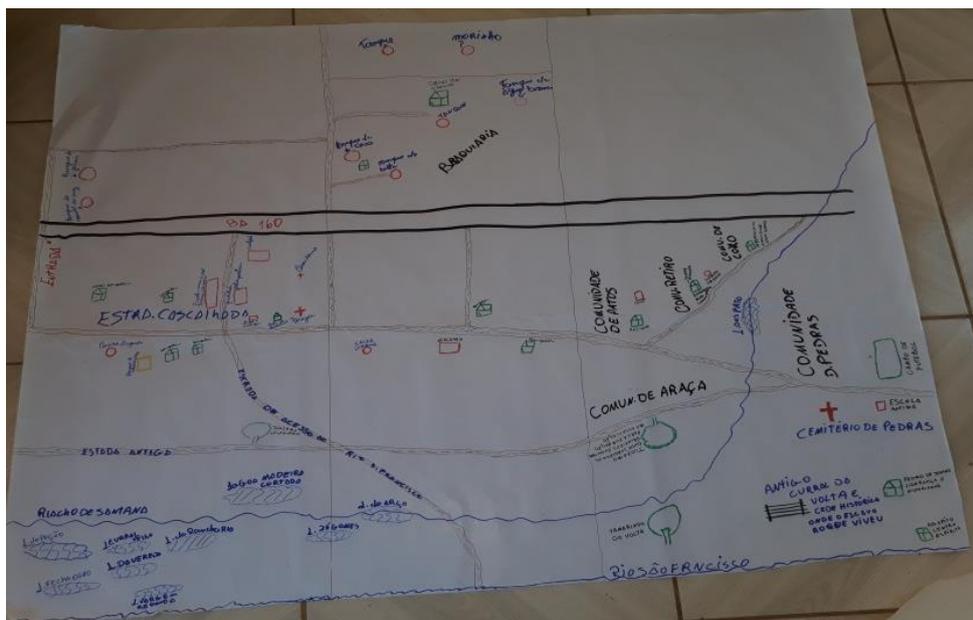
Na construção do mapa em Lagoa do Peixe, ainda que com número reduzido de pessoas, notou-se, nas narrativas dos participantes, a alegria ao falar de lugares e das árvores de forma peculiar. Ainda no exercício da construção do mapa, participantes relembram do que fizeram há alguns anos, junto à Comissão Pastoral da Terra, quando era um número bem menor de residências, fazendo a reflexão sobre o antes e o depois, a questão territorial, o caminhar da comunidade através da luta e organização.

Figura 25 - Construção do mapa territorial de Nova Volta



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 26 - Mapa, território Nova Volta



Fonte: Acervo pessoal.

Em Nova Volta, a construção do mapa não foi tão diferente de Lagoa do Peixe. A questão do pertencimento aparece de forma acentuada com os moradores. O território de Nova Volta é mais estruturado, com quadra poliesportiva, escola, casa de farinha industrial, entre outros, tornando, assim, o mapa mais extenso. Chama atenção a entrega dos participantes ao refazerem os mapas do território, os detalhes “pequenos”, cheios de significados, fazendo refletir as conquistas e relembrando que a luta continua.

Dessa forma, a metodologia se torna fundamental para que tais resultados sejam alcançados, agregando vários métodos ou técnicas de pesquisa social, com os quais se estabelece uma estrutura coletiva, participativa e ativa, ao nível de informações imprescindíveis para o melhor desenvolvimento e planejamento de atuações ofertadas para o crescimento das comunidades.

VII – REFERENCIAL TEÓRICO

7.1 COMUNIDADES QUILOMBOLAS E SUAS CRENÇAS

As comunidades e povos tradicionais, com seus ritos, simbologias, seus saberes e fazeres ancestrais, lutam pela permanência de suas culturas. Vale salientar que a cultura não é algo estático, com o passar dos anos, vem sendo ressignificada por cada povo. Aqui, trago alguns teóricos que discutem a questão das rezas e benzeções.

As benzedeadas são portadoras da cultura popular, detentoras dos saberes tradicionais, saberes que atravessaram gerações e se perpetuam oralmente nas comunidades. De acordo com Santana (2017), as palavras do legado africano carregam consigo uma mitologia, tornando-se necessário entender que mito e rito se complementam, todo ‘rito carrega um mito’. Portanto, as palavras proferidas no ritual da benzeção são carregadas de mitos, significados, força e poder capazes de restaurar a saúde das pessoas.

As benzedeadas e benzedores costumam dizer que a prática do benzimento é uma missão deixada por Deus, portanto, não podem deixar de fazê-lo. Esses saberes e fazeres de tão praticados passam a fazer parte do cotidiano das pessoas que têm a prática de rezas e benzeções. Recorrer à benzeção significa uma atitude de fé, mas também, “uma prática coletiva de um grupo social do qual faz parte” (MACHADO, idem, p. 335).

O que diferencia os benzedores, muitas vezes, é a forma que cada um conduz suas crenças, seus ritos e mitos. Os instrumentos utilizados no ato do benzimento variam de acordo com a enfermidade da pessoa, sendo utilizado um símbolo da cultura (vela, ramo verde, arruda, argila, terço, copo com água...) e colocando todo o sentido religioso.

O ritual é uma forma de representação visual e exterior dos poderes mágicos legitimando a prática. Sem a encenação, há perda do brilho, e o contato entre o espiritual e o terreno, o mágico e o concreto, não se realizam. O fortalecimento da crença está na força do ritual e, conseqüentemente, naquele que o dirige. Os fenômenos naturais pertencem, nessa ótica, ao mundo mágico. Doença, morte, alegria e tristeza, nascimento e crescimento são produtos de um mesmo poder. Ilusão e realidade se confundem. Basta que se tenha fé nas palavras e ações empreendidas pelo portador do dom para que os resultados possam ser obtidos. (MACHADO, op cit, p.237).

Os instrumentos intermediários usados como coadjuvantes à palavra, devem ser virgens, não-tocados, utilizados apenas nas etapas do processo ritual. Deles podem fazer parte panos, facas, machados, plantas, velas, incensos,ovelos, agulhas, entre outros. O simbolismo dos números também está presente nas fórmulas da benzeção: o três, o sete e o nove têm um poder especial de neutralizar o mal. Os números ímpares se articulam à idéia de virilidade, perfeição, não podem partir-se em dois, daí a sua força. (MACHADO, op. cit., p. 242).

A prática terapêutica de benzedoras e rezadeiras, mulheres que curam usando ervas e orações das mais diversas, é muito antiga e se liga, no caso das comunidades quilombolas, a dois fenômenos: o primeiro, à transmissão oral dos conhecimentos, saberes particulares transmitidos de geração em geração. O segundo, à força da matriarcalidade. São as mulheres curadoras as cultivadoras ancestrais das ervas e das rezas que restituem a saúde. Uma resistência fundada na religiosidade e na fé em divindades das mais diversas. (ANJOS, 2006, p. 89).

Cada povo tem sua crença, a magia do acreditar nas várias formas de proteção e, portanto, buscam, através das plantas medicinais e rezas, muitas vezes contra o quebranto, afugentar os males do corpo e da alma. Sobre isso, Machado nos diz o seguinte:

O sentido dessas práticas curativas advém da sua eficácia simbólica que só privilegiam aqueles portadores da fé. Esses agentes religiosos leigos, em contrapartida ao seu poder de cura, não podem obter lucro de sua atividade, antes de tudo, compartilham com o outro não só o seu ritual de magia e preces, mas também a certeza de que para curar o corpo é preciso curar a alma. Para tanto, laços de afetividade e solidariedade se estabelecem e as

frustrações, as decepções, a dor e os sofrimentos se articulam numa rede de significados, onde o mal pode ser vencido e a esperança se anuncia. Ao inverter o caos, se ordena a sobrevivência, a continuidade da vida e do grupo. (MACHADO, op, cit., p.06).

Para Quintana (1999), a benzeção pode ser caracterizada como uma atividade principalmente terapêutica, a qual se realiza através de uma relação dual entre cliente e benzedor. Nessa relação, a benzedora exerce um papel de intermediação entre o sagrado e o humano objetivando a cura, e essa terapêutica tem como processo principal o uso de algum tipo de prece. Sendo assim, as benzedoras têm um importante ofício de levar, através de suas rezas e preces, e acalmar o físico e o espiritual das pessoas que as procuram, buscando aliviar suas dores.

7.2 TERRA E TERRITÓRIO QUILOMBOLA

Historicamente, as comunidades quilombolas vêm sobrevivendo, lutando, buscando e ocupando espaço. A busca por direitos territoriais desses povos quilombolas tem sido constante, ao mesmo tempo em que se busca promover discussão de outras demandas, visando, assim, a permanência de seus saberes ancestrais para além da terra, para a reprodução material da vida, a questão simbólica, questão de pertencimento, moradas de mitos e lendas, fonte de inspiração, um sentido sagrado tão essencial à vida quanto à terra de trabalho. Segundo Leite (2000, p. 344-345), “a terra é o que propicia condições de permanência, de continuidade das referências simbólicas importantes à consolidação do imaginário coletivo (...)”.

Os territórios quilombolas contestam diretamente os interesses imobiliários de grandes empresas, bem como projetos de exploração como o agronegócio, a mineração, os latifúndios, entre outros, onde a luta pela titulação tem sido conflituosa em muitas comunidades quilombolas. Estão, por esse motivo, constantemente submetidas às mais variadas formas de violência que comprometem sua própria existência. Em outras palavras, a luta pela titulação dos territórios quilombolas enfrenta padrões de dominação colonial há séculos. Nunca foi fácil o processo de desapropriação dos territórios quilombolas, muitos tombaram em meio à luta pela permanência ou reconquista de seus territórios ancestrais.

As comunidades quilombolas ainda são vistas, na lógica colonial e racista, como atrasadas. Muitos buscam encontrar nas comunidades e nos sujeitos traços intocados de africanidade do passado, como casas de taipas, trajes rasgados, por exemplo. A sociedade

acredita achar traços reais de tradição africana nas comunidades quilombolas do presente para, assim, validar sua origem, como se os costumes, tradições e modos de vida ficassem parados no tempo sem a necessidade de (re)construções ao longo da história. Vale salientar que os quilombos e quilombolas não são estáticos.

Para muitos, chega a ser uma afronta falar sobre questões quilombolas, povos estes invisibilizados por muitos até hoje. Lembrando que a questão quilombola só passou a fazer parte da agenda política de forma mais contundente a partir da promulgação da Constituição Federal de 1988, por meio de seu artigo 68, do ADCT (Ato das Disposições Constitucionais Transitórias), uma conquista de muita luta do povo negro. Segundo Arruti (2006), o artigo 68 teria sido incorporado à Constituição de 1988 no “apagar das luzes”, em uma formulação amputada, e mesmo assim devido às intensas negociações políticas levadas por representantes do movimento negro do Rio de Janeiro.

Diria que o Brasil é quilombola. Mas, por que tão poucas demarcações de terras para eles? Segundo dados da Fundação Cultural Palmares²⁶, a Bahia é o Estado com maior número de comunidades quilombolas com certidões expandidas, chegando a 736. Embora a luta e organização das comunidades quilombolas tenham contribuído com importantes avanços, muitos outros ainda necessitam ser conquistados. E é diante dessas dificuldades presentes no sistema capitalista e opressor, que sigo falando um pouco das lutas, conflitos e poesias das comunidades quilombolas aqui pesquisadas.

A cidade de Bom Jesus da Lapa, localizada no oeste da Bahia, fica a 796 km da capital baiana, Salvador, com cerca de 70 mil habitantes e uma área de 4.200,133 Km² abriga em seu território a Gruta do Bom Jesus, que foi eleita a primeira das sete maravilhas do Brasil. Vale salientar que na referida cidade existem muitas comunidades remanescentes de quilombo, dentre elas, os quilombos Lagoa do Peixe e Nova Volta aqui pesquisados, ambos em processo de desapropriação.

²⁶ FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES. Disponível em: http://www.palmares.gov.br/?page_id=332. Acesso em: 03 de maio. 2019

VIII - BENZEDEIRAS/OS E REZADEIRAS/OS DO QUILOMBO LAGOA DO PEIXE E NOVA VOLTA E SUAS EXPERIÊNCIAS DE VIDA

As/os benzedeadoras/as e rezadeiras/os do quilombo Lagoa do Peixe e Nova Volta são pessoas simples que não tiveram oportunidade de ir à escola, mas são de um conhecimento grandioso e valioso. São mulheres e homens que passaram por dificuldades e que venceram com suas histórias de vida. O quadro abaixo mostra um pouco do perfil dos/as parceiros/as da pesquisa.

Tabela 1 – Perfil dos sujeitos da pesquisa

Perfil dos sujeitos da pesquisa
Ana Maria de Jesus Neta - uma das moradoras mais velhas do quilombo Lagoa do Peixe, com 84 anos, nascida e criada no quilombo, foi parteira, rezadeira e benze crianças.
Alecy Batista de Jesus - 62 anos, morador do quilombo Lagoa do Peixe, dono do festejo de São Sebastião e realizava cultos de matriz africana.
Sr. Vitorino Pereira Castro – O homem mais velho da comunidade, com 91 anos, é considerado pela maioria como a pessoa que detém as informações sobre a história local. Autoidentifica-se como bisneto do escravo Roque, que é um ancestral representativo da origem de grande parte das famílias da comunidade quilombola de Nova Volta.
Natalina Pereira Castro – Senhora de 88 anos que realiza cultos religiosos de matriz africana e católica, representando o sincretismo religioso presente no quilombo Nova Volta, rezadeira e benzedeadora.
João Pereira Paulo - 72 anos, cantor e rezador, lideranças no quilombo Nova Volta.
Maria da Soledade Pereira Paulo – 65 anos, rezadeira, sambadeira e benzedeadora no quilombo Nova Volta.
Dalvina Batista - Senhora de 54 anos, rezadeira, benzedeadora e atualmente vice-coordenadora da associação Lagoa do Peixe.
Maria Aparecida de Jesus - Senhora de 60 anos, benzedeadora, sambadeira, mulher de luta.

Hoje, todas/os essas/es mulheres e homens vivem em melhor condição de vida devido à luta da comunidade por políticas públicas para garantir essas melhorias. São mulheres e homens que, para além de rezar e benzer, sempre plantaram suas roças. Alguns são impedidos pela idade, mas não deixam de ter seus canteiros de hortaliças e plantas medicinais no quintal de suas casas para o consumo. Entre as pessoas aqui pesquisadas, uma se declara como

evangélica, mas que isso não a impede de benzer quem a procura, sem contar das demais atividades a ela atribuídas, tais como cuidar dos netos, bisnetos, casa, entre outros.

As/os benzedoras/os, com suas vivências e experiências de vida, têm toda uma história no processo de luta. São mulheres e homens resistentes que têm uma grande contribuição no processo de construção e permanência de seu povo em suas comunidades. São mulheres e homens simples que, através da fé, levam a cura para aqueles que os procuram ficando, assim, conhecidos/as em sua e em outras comunidades.

Aqui falando das benzedoras e benzedores do quilombo de Lagoa do Peixe e Nova Volta, prática esta centenária e em ativa por alguns, a depender da procura. O benzedor Alecy Batista, com 62 anos de idade, agricultor, diz ter aprendido a rezar aos quatorze anos. Festeja São Sebastião há mais de vinte anos, o festejo se deu por conta de uma promessa em que ele se encontrava doente e, por conta disso, sua mãe fez a promessa em festejar São Sebastião todo vinte de janeiro.

Senhor Alecy Batista diz ter trabalhado uns anos com cultos religiosos de matriz africana (com mesa branca), e relata que não deu para trabalhar por falta de aceitação de algumas pessoas que, segundo ele, não compreendem e dizem que este faz maldade, desmerecendo-o. Na conversa, senhor Alecy diz ter vencido seu tempo finalizando seu trabalho aos 50 anos. Quando iniciou, aos 35 anos, fazia atendimento aos sábados, a cada quinze dias. Encerrou o trabalho com mesa branca, mas faz benzimento em crianças e adultos que o procura, Alecy diz que é uma missão, e que não deve fugir do dom que Deus lhe deu.

Com sua experiência de vida, o senhor Alecy relata fazer suas preces também quando é época de plantar sua roça. Ele fala dos sinais de quando o ano vai ser bom de chuva e prepara a terra. Segundo ele, não basta só a terra estar molhada, precisa saber a quadra da lua para plantar. São pessoas que possuem todo um conhecimento das culturas populares com seus ofícios e habilidades, dos saberes e fazeres que aprenderam de forma oral e que se perpetua em suas comunidades. Há uma das rezas que o senhor Alecy diz ter aprendido com seu avô, que é para pessoas que andam muito, “que têm precisão de pegar estrada”, como diz ele, “não é nada que prejudica a ninguém, e rezo assim”: “meu deus, assim como nosso senhor Jesus Cristo celebrou a missa, o senhor Santo Antônio benzeu o altar, Jesus Cristo mede minha estrada, todos os meus caminhos onde eu vou passar (3x) Pai nosso com ave Maria”.

As práticas das rezas e benzimentos por mulheres e homens em comunidades quilombolas são muito importantes, como diz uma moradora do quilombo Lagoa do Peixe.

Eu já procurei pessoas para benzer meus filhos aqui na comunidade e fora daqui, eu mim sinto muito feliz romper para uma pessoa que sabe benzer, porque eu tenho alegria com isso, porque tenho fé, primeiramente em Deus. Tenho a minha mãe que reza de quebranto e eu estou tentando ver se consigo aprender. (Diário de campo, dezembro de 2019).

No ato do benzimento, geralmente, é utilizado um ramo ou planta medicinal pelo/a benzedor/a. Estes/as sempre têm essas plantas em seus quintais. Sabemos que o uso de ervas medicinais na cura de doenças não é uma coisa nova, desde a Antiguidade os povos as usavam como tratamento das várias formas, como chás e banhos. As ervas e plantas medicinais nunca desapareceram, sempre estiveram, e estão, em uso, algumas vezes e em alguns lugares mais que em outros. Nas comunidades aqui pesquisadas, as/os benzedoras/os têm suas plantas e ervas medicinais como alecrim, arruda, mastruz, alfavaca, melindro, boldo, hortelã grosso, chicha, pião roxo, preto velho, tipi, umburana, quebra pedra, cidreira, capim santo, aranto kalanchoe, babosa, entre outros.

A senhora Natalina²⁷ Castro, de 88 anos, do quilombo Nova Volta, diz já ter feito muito. Ela festeja Nossa Senhora Aparecida desde que ganhou uma imagem de seu esposo. Dessa forma, a senhora Natalina diz ter feito uma promessa para a Santa arrumar emprego para dois sobrinhos que se encontravam desempregados na época, com uma semana depois, seus sobrinhos começaram a trabalhar. A partir de então, começou a festejar Nossa Senhora Aparecida, e ficou sendo a padroeira do quilombo de Nova Volta, festejada todo doze de outubro. Ela diz que cantava a folia que dizia mais ou menos assim:

Deus vos salve, casa santa, Deus vos salve, casa santa, onde Deus fez a morada, onde Deus fez a morada, onde mora o calisbento, onde mora o calisbento e a hóstia consagrada. Casa santa vai entrando, casa santa vai entrando, fazendo o sinal da cruz, fazendo sinal da cruz. Peço a vós que não me deixa, peço a vós que não me deixa sem a graça de Jesus, sem as graças de Jesus. Senhora de Aparecida, senhora de Aparecida, anda correndo seu mundo, anda correndo seu mundo, apartando fome e guerra, apartando fome e guerra e visitando todo mundo, visitando a todo mundo. Senhora de Aparecida, senhora de Aparecida, não pede por carecer, não pede por carecer, pede para experimentar, pede para experimentar, quem seu devoto quer ser. Oh que bandeira bonita, oh que bandeira bonita, toda coberta de véu. Senhora de Aparecida, senhora de Aparecida, parece que está sorrindo, parece que está sorrindo, por ver a caixa bater, por ver a caixa bater e a viola ir tinindo. (bis)

²⁷ Natalina Castro tem seu centro de umbanda no quilombo Nova Volta, onde faz atendimento a cada quinze dias, tendo visita de pessoas de toda região.

A mesma senhora diz já ter feito muito. Hoje, por conta da idade, nem tudo consegue fazer. A senhora Natalina benze de quebranto, espinhela caída e benze, também, quando a pessoa está com mal estar; a pessoa diz o que está sentindo e ela vê “se é de médico ou não”. Diz ter aprendido a rezar com seu cunhado, Boaventura. Começou a rezar aos 13 anos. No benzimento, ela diz interceder aos santos de devoção. Diz, também, que benze gente adulta, e acrescenta já ter benzido, na comunidade de Nova Volta, uma boa parte dos moradores. “Sei que quem cura é Deus, sou só instrumento, e se elas me procura é porque têm a fé (risos)”, diz dona Natalina Castro. E continua: “Eu digo essas palavras quando rezo contra o quebranto: “fulano, com dois lhe puseram com três eu tiro com o poder de Deus e da virgem Maria” (pai nosso com ave Maria).”. Prossegue: “Para espinhela caída, rezo assim”:

Deus, quando andou no mundo, alentou de arca, vento e espinhela levantou (pede o santo para levantar a espinhela), recupera se rompradura prisão todo mal de fulano, se a mudera e retira, ficará fulano são. Eu uso ramo verde na hora de benzer, tenho preferência pelo fedegozo²⁸.

É pertinente lembrar a utilização dessas práticas sagradas de cura através das benzeções, uma prática mais voltada ao rural, cheia de fé, solidariedade, coletividade e ajuda mútua em respostas às necessidades sofridas por pessoas que resistem diante das dificuldades da vida. Dona Natalina diz nunca ter cobrado pelas suas benzeções, segundo ela, faz por caridade.

Natalina relata uma parte da história dela. Uma mulher de muita fé, que já passou por muitos perrengues, como diz. Ela é espírita, começou com 60 anos em São Paulo, onde desenvolveu. Antes disso, relata ter visto vários sinais como nos sonhos, mas não queria aceitar. Diante dos vários sinais no dia a dia e nos sonhos, ela disse se entregar ao encargo que Deus a concedeu: “O povo achava que ser espírita era coisa do satanás, eu mesma tinha medo quando pequena, mais tarde descobri que tinha uma missão” (Diário de campo, outubro de 2019). Assim sendo, Dona Natalina segue cumprindo sua missão, como ela mesma diz, “enquanto viva estiver, vou ajudar as pessoas”.

Em conversa com a Senhora Maria da Soledade, também do quilombo Nova Volta, esta diz que antes de ser protestante, festejava senhor São João e que dava muita gente. Ela relata com saudade as rezas e bendito que tirava, mas com o tempo, disse ter esquecido muitas

²⁸ Fedegozo (*Cassia occidentalis L*), também conhecido como café negro, utilizado por benzedeadas de Lagoa do Peixe e Nova Volta no ato de benzer. É anti-inflamatório.

coisas. Aprendeu a rezar de quebranto com sua avó, que sempre utilizava um ramo para rezar: “rezo de quebranto assim”:

Deus te gerou, Deus te criou e Deus te formou, arreneque desse tal olho que para tu olhou, ou bem olhado ou mal olhado, que Deus pode e Deus quer, Deus faz tudo quanto ele quer, senhor, estenda sua mão santa de poder sobre essa criança, tira o quebranto, mal olhado, vento caído e todo mal, senhor, abençoa ele com o seu poder, em nome de Jesus (3x). Depois, faz um chazinho de coentro e dá para a criança.

Já para tirar o sol da cabeça, a senhora Maria da Soledade diz colocar o seu véu e rezar assim:

Senhor, Pedro Paulo foi à Roma, com Jesus Cristo encontrou, que há de novo por lá, Pedro Paulo, é sol, sereno, enxaqueca, dor de cabeça, senhor, volta, Pedro Paulo, passa debaixo das cinco chagas, debaixo das cinco passada que essas dores é de passar, em nome do senhor Jesus.

Maria da Soledade se declara protestante, porém, diz ser escolhida por Deus para benzer as pessoas. Ela diz ser criticada pelos irmãos da igreja evangélica por praticar essa caridade com as pessoas. É notória, na fala de Dona Maria, a importância que ela dá para o seu ofício, que vai para além da sua prática religiosa. Ela ainda acrescenta sobre a importância de estar se cuidando com banhos para livrar-se do mal olhado:

Eu nunca desfaço de ninguém porque Deus é um só, o povo chega aqui pedindo para rezar e eu rezo, passa aqui com bandeira, eu recebo, eu não posso negar a palavra de Deus (Diário de campo, julho de 2019).

A prática do benzimento, exercida pelos benzedores e benzedoras, envolve rezas, evocação de santos de devoção e rituais que incluem diferentes maneiras, fazeres e dizeres. Em geral, são práticas que seguem um padrão comum aos benzedores e benzedoras. O que os diferenciam, às vezes, são os símbolos e elementos de apoio, dependendo da religião de cada um, sendo mais comum nas comunidades pesquisadas: água, ramo, chás e banhos.

Esses saberes aprendidos pelos seus ancestrais possibilitam as pessoas simples dessas comunidades ocuparem um lugar de destaque diante dos/as demais, que as/os procuram sempre que necessitam de seus conhecimentos.

Dona Dalvina Batista, nascida no quilombo Lagoa do Peixe, fala sobre sua alegria em ajudar outras pessoas através do benzimento. Ela relata ter aprendido, dividido sua curiosidade vendo seu pai rezar e que aprendeu aos dez anos de idade, mas a pedido do seu pai, não

rezasse em ninguém ainda, por conta de ser muito nova e que não poderia ficar brincando. Aos doze anos, ela começa a benzer.

A senhora Dalvina relata que benze qualquer hora do dia e da noite, basta chegar pedindo que ela benze, diz ainda que não é todo mundo que faz isso, mas que ela não vê nenhum problema, e afirma o seguinte:

Eu firmo o pensamento primeiramente em Deus, porque quando Deus andou no mundo, ele não escolheu hora para salvar a vida de ninguém. Então, a única coisa que eu não faço é rezar criança dormindo, por que se rezar a criança dormindo, ela fica com a feição toda vida que tá com quebrante, aí eu coloco a mãe para acordar a criança e eu pego e rezo.

Ela ainda diz utilizar o galho da arruda ou pião roxo para rezar de quebranto, e acrescenta que plantas como essas não podem deixar de ter em casa. Quanto à ventosidade²⁹, ela diz utilizar, também, o ramo de arruda, e para *inzipa*, que utiliza tição de fogo porque, segundo Dona Dalvina, “vai queimando o mal.” Já dor de barriga, se reza fazendo o sinal da cruz na barriga e nas costas da criança. Ela continua: “Eu rezo assim do mal de quebranto”:

Dor, corre guia, corre de noite, corre de dia, eu te rezo com mato verde, com poder de Deus e da Virgem Maria. Reza três vezes, aí agora você vai no santo que você tiver devoção e reza um pai nosso com uma ave Maria para te ajudar, que essa reza vai servir para essa criança com o poder de Deus e da virgem Maria, depois faz o nome do pai e pronto.

Dona Dalvina termina a conversa dizendo que acha muito importante a prática do benzimento na comunidade, porque às vezes os médicos não dão jeito e é costume dos mais velhos rezarem nas comunidades. “Minha neta já me pediu para eu ensinar ela a rezar de quebranto (risos), eu disse a ela que antes de eu morrer eu ensino, porque ela só tem sete anos, está muito nova. Ela mim cobra muito querendo aprender, eu disse que vou ensinar ela, mas por enquanto, fica só na sua cabeça, não é coisa de brincar não.” (Diário de campo, dezembro de 2019).

São saberes que nem sempre têm validade científica, mas para o povo quilombola, a procura por essas/es benzedoras/os e rezadeiras/os na comunidade ganha vitalidade e resistência diante de uma sociedade extremamente capitalista e preconceituosa.

Conversando com a senhora Maria Aparecida, de 60 anos, ela diz ter procurado pessoas para benzer seus filhos na comunidade Lagoa do Peixe, e, segundo ela, se sente feliz

²⁹ Ventosidade, conhecida como sendo prisão de ventre ou gases presos no intestino causando, assim, dor e mal estar.

por encontrar quem sabe benzer. E acrescenta que sua mãe reza de quebranto e que ela está tentando aprender. A senhora Maria diz querer aprender a rezar, também, para afastar imundice³⁰ de sua roça, quando plantada. Dona Maria finaliza falando o seguinte:

Quem benze e igualmente o médico, a gente procura o médico, mas acreditando primeiramente em Deus. Eu acho muito importante ter pessoas que sabe rezar e benzer na comunidade, uma hora precisa de um benzimento e nem precisa ir para outro lugar. Vou aprender com ela, e eu vou passar para minhas filhas, assim elas queiram. (Diário de campo, dezembro de 2019).

Assim sendo, as mulheres vão adquirindo esses conhecimentos ao observarem essas práticas dentro de seu grupo familiar, passadas de mãe para filhos/as, de avós para netas/os ou tias/os para sobrinhas/os, por meio da transmissão oral ou gestual. Vale salientar que, embora as práticas de benzimentos sejam muitas vezes parecidas, cada benzedor tem seu jeito próprio de benzer, porque a cada um foi dado um dom para curar que se traduz na fé. Existe uma relação entre as benzedoras e a comunidade através de seus cantos, rezas e preces, cuja reflexão sobre a questão do pertencimento se faz importante. Não existe benzedor sem que haja uma comunidade que busque suas orações.

IX - EXPRESSÃO CULTURAL: SABERES E USO DE PLANTAS MEDICINAIS DAS/OS BENZEDEIRAS/OS DOS QUILOMBOS LAGOA DO PEIXE E NOVA VOLTA

As/os benzedoras/os das comunidades quilombolas de Lagoa do Peixe e Nova Volta, que encontrei no percurso da pesquisa, são todas/os moradores dos referidos quilombos, com faixa etária de 55 a 88 anos de idade. São mulheres e homens simples, com histórico de vida sofrido, mas que sobreviveram diante dos processos de lutas e labutas diárias, e hoje vivem em uma vida mais “tranquila”.

Aqui, falo um pouco do uso terapêutico das plantas medicinais utilizadas pelas/os rezadeiras/os e benzedoras/os das comunidades pesquisadas no ato do benzimento. A prática de utilização de “ramo” é antiga entre esses/as homens e mulheres que curam através da fé.

Benzer é um mistério atraente e respeitado da cultura local dos referidos quilombos, que em seu sentido religioso significa dar a benção. Adultos e crianças procuram

³⁰ Imundice, palavra bastante utilizada pelos agricultores e agricultoras da região de Bom Jesus da Lapa/BA, que se refere ao mesmo que pragas.

benzedoras/os dessas localidades, buscando alívio para o corpo e a alma. Essa prática do benzimento se faz presente no contexto histórico do quilombo Lagoa do Peixe e Nova Volta.

Cada povo tem sua cultura, vivemos envolvidos por um mundo da diversidade cultural, que inclui saberes, crenças, mitos e ritos ou outra capacidade, hábitos adquiridos pelo homem. A cultura, assim, pode ser a marca de um espaço por meio das várias formas de existência humana desde os séculos passados, é a forma de se expressar e acreditar de cada povo.

Aqui falando da cultura local do quilombo Lagoa do Peixe e Nova Volta, são pessoas que carregam suas crenças e tradições. Desde os mais velhos, se perpetuam as várias formas de se relacionar com a terra, com os animais, objetos de devoção e tantos outros que, com o passar do tempo, vem se ressignificando no caminhar da história.

Santos (1996) relata que:

Cultura diz respeito à humanidade como um todo e ao mesmo tempo a cada um dos povos, nações, sociedades e grupos sociais humanos. Quando se considera as culturas particulares que existem ou existiram, logo se constata a sua grande variação. Saber em que medida as culturas variam e quais as razões da variedade das culturas humanas são questões que provocam muita discussão. (p. 09)

A prática de uso de plantas medicinais por comunidades quilombolas é antiga no tratamento de algumas enfermidades. Sobre isso, (SILVA et al., 2012) destaca que “os povos africanos que chegavam na América traziam vários conhecimentos, entre eles, o uso terapêutico de plantas que faziam parte da cultura de suas nações”. Assim sendo, o uso de plantas medicinais é antiga, uma prática deixada por nossos ancestrais e que, na contemporaneidade, tais saberes ainda estão presentes em várias comunidades e povos tradicionais que vivem na região de Bom Jesus da Lapa.

As plantas medicinais sempre foram utilizadas, sendo no passado o principal meio terapêutico para tratamento das pessoas, uma vez que o acesso à Medicina era escasso. Moradores das comunidades aqui estudadas, dificilmente deixam de ter seu alecrim, capim-santo, pião roxo, arruda, preto velho, alfavaca, mastruz, cidreira, entre outros, em seus quintais com uma grande importância para uso terapêutico.

Figura 27- Mastruz (cicatrizante, anti-inflamatório)



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 28- Alecrim (utilizado para banhos, asma, ato do benzimento)



Fonte: Acervo pessoal.

Plantas medicinais são consideradas aquelas que ajudam na cura de várias doenças. As plantas mencionadas são utilizadas para banhos, chás, garrafada, benzimento, xarope, a depender da necessidade de cada um. Os povos tradicionais têm uma grande relação com a terra. As plantas medicinais, geralmente plantadas nos quintais, algumas na frente da casa, a depender do benefício de cada planta, como o pião roxo que, segundo moradores, serve para

espantar olho grande. A geração mais idosa de Lagoa do Peixe e Nova Volta, através da oralidade, expressa um saber tradicional, uma intimidade em relação às ervas, para cada enfermidade, seja física ou espiritual, os ritos e comunhões têm o poder mágico e religioso sobre eles.

[...] portanto, a memória é um recurso de extrema importância na vida desses povos, por transmitir informações através do tempo e do espaço. Comunidades tradicionais reúnem uma rede de saberes na esfera ecológica que, geralmente, são locais, coletivos, dinâmicos e holísticos. (TOLEDO, 2002).

A relação com o meio natural das comunidades tradicionais se dá de geração em geração, são povos que respeitam suas ancestralidades. Segundo Toledo Barrera-Bassols, (2009), o conteúdo de apenas uma mente tradicional, ou seja, um informante revela um arsenal de saberes que, projetados no tempo e no espaço, representam a realidade personalizada de uma bagagem cultural que pode ser projetada na coletividade, a qual o determinado informante pertence: o núcleo ou unidade familiar, a comunidade rural, o território e, finalmente, grupo ou sociedade étnica ou cultural.

A prática com plantas medicinais nas comunidades quilombolas aqui pesquisadas possuem toda uma simbologia. “O que para muitos parece simples, pode curar muitos males”, diz morador do quilombo Lagoa do Peixe. Esses saberes ancestrais com plantas medicinais e benzimentos praticados por homens e mulheres simples, que buscam resoluções para seus males, pautando-se na solidariedade e no espírito de ajuda mútua.

Figura 29- Arruda (muito utilizado no ato do benzimento)



Fonte: Acervo pessoal

Figura 30- Preto velho (utilizado para banhos)



Fonte: Acervo pessoal

As práticas do benzer, do rezar e do cuidar sempre foram tarefas maiores por parte das mulheres nas comunidades, bem como as atividades domésticas. Sobre isso, Priore (1997) diz da importância dessas mulheres desde o Brasil colônia, um universo cultural simbólico, cheio de magia, sendo ressignificado no decorrer do tempo.

As mulheres e suas doenças moviam-se em um território de saberes transmitidos oralmente, e o meio vegetal estava cheio de signos das práticas que as ligavam ao quintal, à horta, às plantas. Como aponta Priore (1997, p. 94), “o cheiro do alecrim era considerado antídoto contra os raios (...). As ervas apanhadas em dia de quinta-feira de Ascensão tinham virtude contra sezões, febres, bruxedos. O funcho, o rosmaninho, o sabugueiro, colhidos na manhã de São João livram a casa de enfermidades”.

Esses saberes históricos construídos por mulheres de fé e da luta, bem como a relação com a terra e natureza, faz das mesmas mulheres sábias de coragem, com suas crenças que fazem parte do cotidiano cultural de um povo, sendo historicamente construído. Em conversa com os detentores dos saberes ancestrais da comunidade Lagoa do Peixe e Nova Volta, estes partilham parte dos saberes e magias que detêm com as plantas medicinais.

As várias formas de utilização das plantas medicinais em chás, banhos, garrafadas, as dicas de como fazer, qual o melhor dia e horário para seu preparo, como dizem os moradores. A relação que moradores têm com plantas medicinais, todo o conhecimento, os segredos, faz deles um verdadeiro acervo no quilombo Lagoa do Peixe e Nova Volta. Segue abaixo alguns nomes de plantas medicinais e suas utilidades, segundo os moradores de Lagoa do Peixe e Nova Volta.

Tabela 2 – Plantas medicinais e suas utilidades

ERVAS MEDICINAIS	UTILIDADES
Hortelã	Dor de barriga, Gripe, Condimentos
Vassoura de Nossa Senhora	Mal olhado, Banho de Descarrego
Erva doce	Dor de barriga, Ventosidade
Aranto kalanchoe	Cancerígena
Mastruz	Anti-inflamatório, Verme, Cicatrizante
Chicha	Espanta animas peçonhento
Arruda	Mal olhado, Banho, Dor de barriga, Utilizado no ato do benzimento
Preto Velho	Banho de Descarrego
Guiné	Banho

Folha Santa	Dor de cabeça, Anti-inflamatório
Capim Santo	Calmanete
Pião Roxo	Mal olhado, Banho, Anti-inflamatório
Boldo	Dor no estômago
Gergelim	Repelente, Garrafada, Dor de Barriga
Sucupira	Cólica, Ventosidade, Reumatismo
Manjeriçã	Resfriado, Banhos
Guandu	Bom para sinusite
Artimijo	Constipação
Aroeira	Banhos, Dor no Estômago, Mal Estar
Pau ferro	Problema nos Rins
Coentro	Ventosidade, Resfriado
Babosa	Dor no Estômago, Cicatrizante, Anti-inflamatório
Umburana	Mal Estar, Hemorragia
Batata de Purga	Congestão, Pneumonia, Vermes intestinais
Alecrim	Banhos, Benzimento, Asma, Gripe, Pressão arterial, Diurético, Gases intestinais
Poejo	Vermes intestinais, Azia, Cólica, Tosse

Em conversa com homens e mulheres das comunidades aqui pesquisadas, deu para sentir o quanto a questão dos saberes e fazeres, alguns de forma misteriosa, fazem parte da vida desse povo. A senhora Natalina Castro fala da alegria que sente em poder compartilhar seus saberes com os demais que a procura. É uma prática antiga de cultivar as plantas medicinais em seus quintais, o que contribui com o enriquecimento da cultura local das comunidades.

A senhora Natalina relata a importância de cuidar do corpo com os banhos que servem para sua limpeza. Diz ainda que há outras ervas para banho, tais como a laranjeira brava,

gergelim, espada de São Jorge, jurema preta, alecrim, aroeira, fedegozo, entre outras. E acrescenta que o banho com algumas plantas medicinais servem para aumentar as dores de mulheres grávidas quando vão dar à luz.

Nas narrativas dos/as entrevistados/as, de forma visível, percebe-se o conhecimento e respeito que eles/as carregam em relação às plantas com fins medicinais, a expressão de fé de cada um/a em falar dos benefícios dessas plantas, seja da raiz, da casca, das folhas. Esse conhecimento reside no fato de que eles/as não se baseiam na observação exacerbada, mas na aprendizagem empírica nos valores e respeito pelo sagrado.

A prática terapêutica de benzedeadas e rezadeiras, mulheres que curam usando ervas e orações das mais diversas, é muito antiga e se liga no caso das comunidades quilombolas, a dois fenômenos: o primeiro, à transmissão oral dos conhecimentos, saberes particulares transmitidos de geração em geração. O segundo, à força da matriarcalidade. São as mulheres curadoras as cultivadoras ancestrais das ervas e das rezas que restituem a saúde. Uma resistência fundada na religiosidade e na fé em divindades das mais diversas (ANJOS, 2006, p. 89).

Assim, os saberes ancestrais relacionados à questão da natureza, aqui falando das plantas medicinais, se fazem importantes para a manutenção da saúde, como os benzimentos são importantes e marcam a história de um povo cheios de ritos, significados e singularidades. Diante do exposto, é notório nas narrativas de homens e mulheres aqui pesquisados/as que a fé é um requisito para constituir a saúde de um povo simples, que acredita e partilha saberes.

X - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio de conversas e depoimentos dos sujeitos desta pesquisa, identifica-se um universo de saberes. Sabedoria peculiar das/os benzedeadas/os que envolvem toda uma magia e religiosidade. Falar de benzedeadas é rememorar, é falar de cura, de fé, de subjetividade, de saberes populares, é ingressar em um universo cultural. Uma prática antiga que, através da oralidade, tem atravessado gerações.

No decorrer deste trabalho, procurou-se apresentar parte do universo das/os rezadeiras/os e benzedeadas/os em suas histórias e memórias, sendo profissionais populares de um legado ancestral nos quilombos Lagoa do Peixe e Nova Volta, na cidade de Bom Jesus da Lapa, oeste da Bahia.

A prática do benzimento pelas mulheres e homens dessas comunidades tem os/as fortalecido, e motivando, assim, a continuidade do exercício, cumprindo, segundo eles/as, a missão dada por Deus. No decorrer do trabalho, percebeu-se o tamanho da dedicação que esses sujeitos têm pelo ofício. O termo benzedeira/o comporta uma significância da ação por parte dessas/es mulheres e homens que intervêm no comportamento, na cultura e, sobretudo, nos saberes da comunidade. São pessoas que aprenderam a benzer, alguns ainda adolescentes. Chama atenção o acreditar de cada um/a quando falam sobre as rezas e benzimentos que aprenderam com seus antepassados, “saberes nem sempre bem vistos aos olhos da ciência convencional”, mas de um significado gigantesco para aqueles/as que acreditam. Saberes que estão ligados à vivência e experiência de vida de forma peculiar de cada um/a.

Observamos no caminhar da pesquisa, nas duas comunidades, traços bem acentuados em relação às práticas tradicionais utilizadas por moradores, e um chamou bastante atenção: o de uma senhora protestante, mas que diz realizar benzimentos em crianças que chegam a sua casa, e acrescenta que “não se deve negar a palavra de Deus”. Contudo, notou-se que a benzedeira, mesmo sendo criticada pelos irmãos de igreja, não abandonou o ofício deixado, segundo ela, por sua mãe; diz, ainda, fazer seus banhos de limpeza do corpo sempre que necessário. A questão da oralidade, segredos, a presença de altares com símbolos afros, um verdadeiro respeito ao sagrado.

A sintonia com a natureza também é algo forte trazido pelas comunidades: pediam licença aos encantos das águas ao entrarem/atravessarem o rio, às matas ao adentrá-la, o cuidado com o plantio da lavoura que acompanha uma fase da lua, as preces feitas ao plantar, a utilização de símbolos ao depositar no solo sementes como as de melancia, por exemplo, que é utilizada uma casca grande do pau, pois, segundo um morador, melancia “dá grande como a casca” quando é utilizada ao plantar, entre alguns outros mistérios que relatam não poderem falar.

No universo das/os benzedeiros/os dos quilombos Lagoa do Peixe e Nova Volta, observou-se a questão do catolicismo de forma bem presente nas imagens de santos de devoção, tanto em paredes como nos altares de suas casas, os festejos de santo, o sinal da cruz feito com ramo e invocação ao santo de devoção durante ato do benzimento, algumas rezas proferidas pelas/os benzedeiros/os, a presença de saberes em relação às ervas medicinais e receitas de remédios caseiros. Ressaltamos que esses saberes ancestrais têm sido repassados de geração em geração nessas comunidades por meio da oralidade. O ato do benzimento é, na

grande maioria, feito por mulheres que também têm suas atribuições aos cuidados domésticos nessas localidades.

Diante do exposto, nota-se que a prática de benzer nas comunidades pesquisadas tem diminuído, levando benzedeiros/os a ficarem preocupados/os por terem abrandado o ato do benzimento. Elas/es relatam que os mais jovens as procuram, mas não têm mostrado interesse em aprender. Fazendo uma ressalva, há muitos jovens saindo de suas comunidades para estudar e trabalhar na sede do município. Nesse sentido, moradores relatam a questão da “modernidade” ter chegado às comunidades, podendo, assim, interferir nas práticas tradicionais arraigadas na cultura local da comunidade.

Essas/es benzedeiros/os têm um papel fundamental na história desses quilombos, por cuidarem de forma especial, diria, de seu povo, na luta pela preservação dos seus saberes tradicionais, na restauração da saúde das pessoas que as procuram em busca de alívio de suas enfermidades. Na contemporaneidade, esses cuidados e saberes se tornam importantes na preservação da identidade cultural das comunidades quilombolas.

Conversar com benzedeiros/os no caminhar da pesquisa foi rememorar a história, o ato do benzimento, ao fazer lembranças por meio de seus relatos, fazendo memória dos antepassados que fazem parte de um “presente”, deixando seus ensinamentos que perduram nas comunidades. Portanto, são mulheres e homens que trazem o conhecimento de seus pais, avós, tios através da oralidade, por sinais que constroem uma relação com o invisível.

Os sujeitos aqui pesquisados possibilitaram uma grande reflexão de suas práticas, permitindo um universo de conhecimentos em relação às entidades divinas, à religiosidade popular, com sentimentos de generosidade e solidariedade que as/os rezadeiras/os e benzedeiros/os de Lagoa do Peixe e Nova Volta carregam.

A empreitada das/os benzedeiros/os de continuar cooperando com a saúde das pessoas que buscam auxílio em seus serviços continua mesmo que de forma menor, como pontua elas/es nos quilombos Lagoa do Peixe e Nova Volta. Há magia dos saberes e fazeres tradicionais dessas/es mulheres e homens marcados por uma espécie de memória, uma vez que armazenam, ao longo dos anos, suas lembranças que têm atravessado as gerações das memórias dos seus ancestrais. Nesse sentido, vale a continuidade de manter vivos esses saberes e fazeres tradicionais que vêm construindo um campo de conhecimento e se despreendendo do modelo de submissão colonial.

REFERÊNCIAS

- ACSELRAD, Henri. **Sobre os usos sociais da cartografia**. 2010. Disponível em: <http://conflitosambientaismg.lcc.ufmg.br/wpcontent/uploads/2014/04/ACSELRAD_Henri_-_Sobre_os_usos_sociais_da_cartografia.pdf> Acesso em 20/05/2019.
- ARRUTI, J.M. Mocambo- **Antropologia e história do processo de formação Quilombola**. Bauru, sp: Edusc,2006.p.26. Disponível em: <http://www.ufmg.br> acessado em 03/08/2018.
- ANJOS, Rafael Sanzio Araújo. *Quilombolas: Tradições e cultura da resistência*. São Paulo: Aori Comunicação, 2006.
- BARBOSA, Antonio. **Bom Jesus da Lapa: Antes de Mosenhor Turíbio, No tempo de Monsenhor Turíbio e Depois de Mosenhor Turíbio**. Ed. Jotanesi. P. 63, 1996.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigue. **O que é educação** . São Paulo: Brasiliense, 2007. - - (Coleção primeiros passos; 20) 49" reimpr. da 1. ed. de 1981. ISBN 85-11-01020-3 I. Educação I. Título. H. Série. Disponível em< www.netmundi.org/> acesso em: 23/05/2020.
- BRASIL. Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e diversidade. **Orientações e ações para a educação das relações étnico-raciais**. Brasília: SECAD, 2006.
- CAMPOS, Margarida Cassia, GALLINARI, Tainara Sussai. **A educação escolar quilombola e as escolas quilombolas no Brasil**. Revista Nera – ano 20, nº. 35 – janeiro/abril de 2017 – issn: 1806-6755. Disponível em: <<https://revista.fct.unesp.br/>> acessado em: 10/05/2020.
- CARVALHO, F. E. B. A. **Educação Escolar quilombola na Comunidade de Baixio. Barra do Bugres/ MT: avanços e desafios**. 2016. 156 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós- Graduação em Educação, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2016.
- CAVALCANTE, Simone Gadêlha; **Etre a Ciência e a Reza: Estudo de caso sobre a incorporação das rezadeiras ao Programa de Saúde da Família no município de Maranguape-Ceara 2006**. Disponível em: <<http://institucional.ufrj.br/>> acessado em: 27/02/2020
- CLANDININ, D. Jean. CONELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa: experiências e história na pesquisa qualitativa**. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.
- CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. **Parecer CNE/CEB nº 16/2012**, Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola. Brasília: CNE/CEB, 2012.
- CUNHA, Andressa Catharina Mendes; **Estudo etnobotânico nos quintais da comunidade quilombola de Monte Alegre**, Dissertação (mestrado) -- Instituto Tecnológico Vale, Cachoeiro de Itapemirim, Espírito Santo / Belém-PA, 2015.

CUNHA, Manuela Carneiro; **Relações e Dissensões Entre Saberes Tradicionais e Saber Científico**. Revista USP, São Paulo, n.75, p. 76-84, setembro/novembro 2007. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br>> acessado em: 08/06/2020.

GONÇALVES, Silas de Oliveira; BERVIQUE, Janete de Aguirre. **Influência da Relação Entre Ciência e Fé na Qualidade de Vida**. Disponível em: <<http://faef.revista.inf.br/>> acessado em: 27/03/2020

GORAYEB, Adryane. Cartografia Social e Populações Vulneráveis. Oficina do Eixo Erradicação da Miséria. Texto e Edição: Eliane Araujo. Laboratório de Geoprocessamento (Labocart) da Universidade Federal do Ceará (UFC). Fevereiro de 2014.

GUEDES, Ana Célia Barbosa, **Mulheres Quilombolas e uso de plantas medicinais: práticas de cura em Santa Rita de Barreira/PA / Ana Célia Barbosa Guedes**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido, Belém, 2018.

LEITE, I.B, **Os quilombos no Brasil: Questões conceituais e normativa**. Disponível em: <<http://www.ceas.iscte.pt>> acessado em 03/09/2018.

MACÊDO, D. J. S. **Educação em Comunidades Quilombolas do Território de Identidade do Velho Chico BA: Indagações acerca do diálogo entre as escolas e as comunidades locais**. 2015. 216 f. Tese (Doutorado) - Universidade do Estado da Bahia, Faculdade de Educação. Programa de Pós Graduação em Educação e Contemporaneidade, Salvador, 2015.

MENDES, Dulce Santoro; COVAS, Claudio São Thiago. **Benzedeiras e benzedeiros quilombolas - construindo identidades culturais**. Campo Grande. 2018. Disponível em: <<http://www.scielo.br>> Acesso em: 27/10/2019.

MINAYO.M.C de S. (Org.). **Pesquisa Social: teoria método e criatividade**.18^a ed. Petrópolis,Rj: Vozes,2001.

MONTEIRO, Lirian Ribeiro, Relatório Técnico de Identificação e Delimitação do Território Quilombola de Araça Volta, Bom Jesus da Lapa, setembro de 2009.

NASCIMENTO,Gomes do Nascimento. AYALA, Maria Ignez Novais ; **As práticas orais das rezadeiras: um patrimônio imaterial presente na vida dos itabaianenses**. NauLiteraria ISSN 19814526 PPG – LET- UFRGS Porto Alegre. Vol. 09, n. 01, Jan//Jun 2013. Dossiê: Voz e Interculturalidade.

NERY, Vanda Cunha Albieri. **Rezas, Crenças, Simpatias e Benzeções: costumes e tradições do ritual de cura pela fé**. Centro Universitário do Triângulo – Uberlândia/MG Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br>> Acesso em: 26/10/2019.

SILVA, Leonice de Jesus. **Etnicidade e cura entre benzedoras quilombolas de Rio de Contas-Ba**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e

Contemporaneidade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. Jequié, 2017. 118f.; Acessado em

SILVA, Giselda Shirley. **O significado cultural das benzeções em uma comunidade remanescente de quilombo (MG)**. Disponível em: <www.encontro2014.historiaoral.org> Acessado em: 27/10/2019.

SILVA, N. C. B. et al. **Uso de plantas medicinais na comunidade quilombola da Barra II** - Bahia, Brasil. Boletín Latinoamericano y del Caribe de Plantas Medicinales y Aromáticas, v. 11, n. 5, p. 35-453, 2012. SIMONIAN, L.T.L. Mulheres da Amazônia.

SILVA, Marina Osmarina. Saindo da invisibilidade: A Política Nacional de Povos e Comunidades Tradicionais. *Inclusão Social*. Brasília. V.2. N. 2. P. 7-9. Abr/set. 2007.

SOUZA, Bárbara Oliveira. Aquilombar-se: panorama histórico, identitário e político do Movimento Quilombola Brasileiro. 2008. 204 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)-Universidade de Brasília, Brasília, 2008. Disponível em: <<https://repositorio.unb.br/>> Acessado em 18/04/2020.

SOUZA, Shirley Pimentel de. **Educação escolar quilombola : as pedagogias quilombolas na construção curricular** / Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Salvador, 2015.

QUINTANA, Alberto Manuel. A ciência da benzedura : mau-olhado, simpatias e uma pitada de psicanálise / Alberto Manuel Quintana. - Bauru, SP : EDUSC, 1999. 226p. : 18.5cm. - (Saúde e sociedade).

TOLEDO, V. M. **Ethnoecology: a conceptual framework for the study of indigenous knowledge of nature**. In: STEPP, J. R. et al. (Eds.) *Ethnobiology and Biocultural Diversity*. International Society of Ethnobiology, Georgia, USA, p. 511-522, 2002.

APÊNDICES

Fonte: Acervo pessoal



Fonte: Irmão Ivanor Borges

ANEXO 1

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL - MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO UNIVERSIDADE
FEDERAL DO SUL DA BAHIA (UFSB)

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS – CEP/UFSB

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o (a) Sr (a) **MARIA APARECIDA DE JESUS** para participar da Pesquisa (Saberes e Fazer quilombola: rezas e benzeções com uso de ramos no quilombo Lagoa do Peixe e Nova Volta no município de Bom Jesus da Lapa/Ba, sob a responsabilidade do/a pesquisador/a **CARLÍDIA PEREIRA DE ALMEIDA**, a qual pretende catalogar os saberes e fazeres quilombolas em suas práticas de rezas e benzeções com o uso de ramos. Sua participação é voluntária e se dará por meio de entrevistas transcritas, conversas, depoimentos, notas de campo, fotografias, oficinas. Se o/a Sr (a) aceitar participar, as respostas obtidas por esta pesquisa poderão contribuir para o melhor desenvolvimento das comunidades pesquisadas contribuindo no fortalecimento da cultura e por uma educação escolar quilombola de qualidade. Se depois de consentir a sua participação o/a Sr. (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O/a Sr (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração referente a esta pesquisa. Entretanto, caso o/a Sr. (a) tenha alguma despesa decorrente desta pesquisa será totalmente ressarcido/a pelo pesquisador/a responsável. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas a sua identidade não será divulgada, uma vez que será guardada em sigilo. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com o/a pesquisador/a no seguinte endereço: Fazenda Campos, CEP: 47.600 000, Bairro: Rural telefone pessoal: (77) 99903 4323, ou poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Sul da Bahia – CEP/UFSB, Avenida Getúlio Vargas, nº 1732 A, Bairro Monte Castelo, Teixeira de Freitas, Bahia, CEP - 45996-108, Teixeira de Freitas, Bahia, telefone – 3291-2089. O e-mail do CEP/UFSB é: cep@ufsb.edu.br.

CONSENTIMENTO PÓS- INFORMAÇÃO

Eu, **MARIA APARECIDA DE JESUS**, fui informado sobre o que o/a pesquisador/a quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar da pesquisa, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias originais, as quais serão assinadas por mim e pelo/a pesquisador/a, ficando uma via com cada um de nós.

Maria Aparecida de Jesus

Assinatura ou impressão datiloscópica do/da participante da pesquisa

Carlídia Pereira de Almeida

Assinatura do Pesquisador responsável

16 de maio de 2020



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL - MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO UNIVERSIDADE
FEDERAL DO SUL DA BAHIA (UFESB)

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS – CEP/UFESB

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o (a) Sr (a) **NATALINA CASTRO BORGES** para participar da Pesquisa (Saberes e Fazeres quilombola: rezas e benzeções com uso de ramos no quilombo Lagoa do Peixe e Nova Volta no município de Bom Jesus da Lapa/Ba, sob a responsabilidade do/a pesquisador/a **CARLÍDIA PEREIRA DE ALMEIDA**, a qual pretende catalogar os saberes e fazeres quilombolas em suas práticas de rezas e benzeções com o uso de ramos. Sua participação é voluntária e se dará por meio de entrevistas transcritas, conversas, depoimentos, notas de campo, fotografias, oficinas. Se o/a Sr (a) aceitar participar, as respostas obtidas por esta pesquisa poderão contribuir para o melhor desenvolvimento das comunidades pesquisadas contribuindo no fortalecimento da cultura e por uma educação escolar quilombola de qualidade. Se depois de consentir a sua participação o/a Sr. (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O/a Sr (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração referente a esta pesquisa. Entretanto, caso o/a Sr. (a) tenha alguma despesa decorrente desta pesquisa será totalmente ressarcido/a pelo pesquisador/a responsável. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas a sua identidade não será divulgada, uma vez que será guardada em sigilo. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com o/a pesquisador/a no seguinte endereço: Fazenda Campos, CEP: 47.600 000, Bairro: Rural telefone pessoal: (77) 99903 4323, ou poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Sul da Bahia – CEP/UFESB, Avenida Getúlio Vargas, nº 1732 A, Bairro Monte Castelo, Teixeira de Freitas, Bahia, CEP - 45996-108, Teixeira de Freitas, Bahia, telefone – 3291-2089. O e-mail do CEP/UFESB é: cep@ufsb.edu.br.

CONSENTIMENTO PÓS- INFORMAÇÃO

Eu, **NATALINA PEREIRA CASTRO**, fui informado sobre o que o/a pesquisador/a quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar da pesquisa, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias originais, as quais serão assinadas por mim e pelo/a pesquisador/a, ficando uma via com cada um de nós.

Natalina Castro Borges

Assinatura ou impressão datiloscópica do/da participante da pesquisa

Carlídia Pereira de Almeida

Assinatura do Pesquisador responsável

25

de maio de 2020



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL - MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO UNIVERSIDADE
FEDERAL DO SUL DA BAHIA (UFSCB)

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS – CEP/UFSCB

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o (a) Sr (a) **JOÃO PEREIRA PAULO** para participar da Pesquisa (Saberes e Fazeres quilombola: rezas e benzeções com uso de ramos no quilombo Lagoa do Peixe e Nova Volta no município de Bom Jesus da Lapa/Ba, sob a responsabilidade do/a pesquisador/a **CARLÍDIA PEREIRA DE ALMEIDA**, a qual pretende catalogar os saberes e fazeres quilombolas em suas práticas de rezas e benzeções com o uso de ramos. Sua participação é voluntária e se dará por meio de entrevistas transcritas, conversas, depoimentos, notas de campo, fotografias, oficinas. Se o/a Sr (a) aceitar participar, as respostas obtidas por esta pesquisa poderão contribuir para o melhor desenvolvimento das comunidades pesquisadas contribuindo no fortalecimento da cultura e por uma educação escolar quilombola de qualidade. Se depois de consentir a sua participação o/a Sr. (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O/a Sr (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração referente a esta pesquisa. Entretanto, caso o/a Sr. (a) tenha alguma despesa decorrente desta pesquisa será totalmente ressarcido/a pelo pesquisador/a responsável. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas a sua identidade não será divulgada, uma vez que será guardada em sigilo. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com o/a pesquisador/a no seguinte endereço: Fazenda Campos, CEP: 47.600 000, Bairro: Rural telefone pessoal: (77) 99903 4323, ou poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Sul da Bahia – CEP/UFSCB, Avenida Getúlio Vargas, nº 1732 A, Bairro Monte Castelo, Teixeira de Freitas, Bahia, CEP - 45996-108, Teixeira de Freitas, Bahia, telefone – 3291-2089. O e-mail do CEP/UFSCB é: cep@ufsb.edu.br.

CONSENTIMENTO PÓS- INFORMAÇÃO

Eu, **JOÃO PEREIRA PAULO**, fui informado sobre o que o/a pesquisador/a quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar da pesquisa, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias originais, as quais serão assinadas por mim e pelo/a pesquisador/a, ficando uma via com cada um de nós.

João Pereira Paulo
Assinatura ou impressão datiloscópica do/da participante da pesquisa

Carlídia Pereira de Almeida
Assinatura do Pesquisador responsável

16 de maio de 2020



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL - MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO UNIVERSIDADE
FEDERAL DO SUL DA BAHIA (UFSB)

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS – CEP/UFSB

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o (a) Sr (a) **MARIA DA SOLEDADE PEREIRA PAULO** para participar da Pesquisa (Saberes e Fazeres quilombola: rezas e benzeções com uso de ramos no quilombo Lagoa do Peixe e Nova Volta no município de Bom Jesus da Lapa/Ba, sob a responsabilidade do/a pesquisador/a **CARLÍDIA PEREIRA DE ALMEIDA**, a qual pretende catalogar os saberes e fazeres quilombolas em suas práticas de rezas e benzeções com o uso de ramos. Sua participação é voluntária e se dará por meio de entrevistas transcritas, conversas, depoimentos, notas de campo, fotografias, oficinas. Se o/a Sr (a) aceitar participar, as respostas obtidas por esta pesquisa poderão contribuir para o melhor desenvolvimento das comunidades pesquisadas contribuindo no fortalecimento da cultura e por uma educação escolar quilombola de qualidade. Se depois de consentir a sua participação o/a Sr. (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O/a Sr (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração referente a esta pesquisa. Entretanto, caso o/a Sr. (a) tenha alguma despesa decorrente desta pesquisa será totalmente ressarcido/a pelo pesquisador/a responsável. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas a sua identidade não será divulgada, uma vez que será guardada em sigilo. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com o/a pesquisador/a no seguinte endereço: Fazenda Campos, CEP: 47.600 000, Bairro: Rural telefone pessoal: (77) 99903 4323, ou poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Sul da Bahia – CEP/UFSB, Avenida Getúlio Vargas, nº 1732 A, Bairro Monte Castelo, Teixeira de Freitas, Bahia, CEP - 45996-108, Teixeira de Freitas, Bahia, telefone – 3291-2089. O e-mail do CEP/UFSB é: cep@ufsb.edu.br.

CONSENTIMENTO PÓS- INFORMAÇÃO

Eu, **MARIA DA SOLEDADE PEREIRA PAULO**, fui informado sobre o que o/a pesquisador/a quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar da pesquisa, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias originais, as quais serão assinadas por mim e pelo/a pesquisador/a, ficando uma via com cada um de nós.

Maria da Soledade Paulo

Assinatura ou impressão datiloscópica do/da participante da pesquisa

Carlídia Pereira de Almeida

Assinatura do Pesquisador responsável

16 de maio de 2020



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL - MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO UNIVERSIDADE
FEDERAL DO SUL DA BAHIA (UFSB)

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS – CEP/UFSB

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o (a) Sr (a) **VITURINO PEREIRA CASTRO** para participar da Pesquisa (Saberes e Fazeres quilombola: rezas e benzeções com uso de ramos no quilombo Lagoa do Peixe e Nova Volta no município de Bom Jesus da Lapa/Ba, sob a responsabilidade do/a pesquisador/a **CARLÍDIA PEREIRA DE ALMEIDA**, a qual pretende catalogar os saberes e fazeres quilombolas em suas práticas de rezas e benzeções com o uso de ramos. Sua participação é voluntária e se dará por meio de entrevistas transcritas, conversas, depoimentos, notas de campo, fotografias, oficinas. Se o/a Sr (a) aceitar participar, as respostas obtidas por esta pesquisa poderão contribuir para o melhor desenvolvimento das comunidades pesquisadas contribuindo no fortalecimento da cultura e por uma educação escolar quilombola de qualidade. Se depois de consentir a sua participação o/a Sr. (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O/a Sr (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração referente a esta pesquisa. Entretanto, caso o/a Sr. (a) tenha alguma despesa decorrente desta pesquisa será totalmente ressarcido/a pelo pesquisador/a responsável. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas a sua identidade não será divulgada, uma vez que será guardada em sigilo. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com o/a pesquisador/a no seguinte endereço: Fazenda Campos, CEP: 47.600 000, Bairro: Rural telefone pessoal: (77) 99903 4323, ou poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Sul da Bahia – CEP/UFSB, Avenida Getúlio Vargas, nº 1732 A, Bairro Monte Castelo, Teixeira de Freitas, Bahia, CEP - 45996-108, Teixeira de Freitas, Bahia, telefone – 3291-2089. O e-mail do CEP/UFSB é: cep@ufsb.edu.br.

CONSENTIMENTO PÓS- INFORMAÇÃO

Eu, **VITURINO PEREIRA CASTRO**, fui informado sobre o que o/a pesquisador/a quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar da pesquisa, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias originais, as quais serão assinadas por mim e pelo/a pesquisador/a, ficando uma via com cada um de nós.

Viturino Pereira Castro

Assinatura ou impressão datiloscópica do/da participante da pesquisa

Carlídia Pereira de Almeida

Assinatura do Pesquisador responsável

16 de maio de 2020



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL - MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO UNIVERSIDADE
FEDERAL DO SUL DA BAHIA (UFESB)

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS – CEP/UFESB

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o (a) Sr (a) ANA MARIA DE JESUS NETA para participar da Pesquisa (Saberes e Fazeres quilombola: rezas e benzeções com uso de ramos no quilombo Lagoa do Peixe e Nova Volta no município de Bom Jesus da Lapa/Ba, sob a responsabilidade do/a pesquisador/a **CARLÍDIA PEREIRA DE ALMEIDA**, a qual pretende catalogar os saberes e fazeres quilombolas em suas práticas de rezas e benzeções com o uso de ramos. Sua participação é voluntária e se dará por meio de entrevistas transcritas, conversas, depoimentos, notas de campo, fotografias, oficinas. Se o/a Sr (a) aceitar participar, as respostas obtidas por esta pesquisa poderão contribuir para o melhor desenvolvimento das comunidades pesquisadas contribuindo no fortalecimento da cultura e por uma educação escolar quilombola de qualidade. Se depois de consentir a sua participação o/a Sr. (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O/a Sr (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração referente a esta pesquisa. Entretanto, caso o/a Sr. (a) tenha alguma despesa decorrente desta pesquisa será totalmente ressarcido/a pelo pesquisador/a responsável. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas a sua identidade não será divulgada, uma vez que será guardada em sigilo. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com o/a pesquisador/a no seguinte endereço: Fazenda Campos, CEP: 47.600 000, Bairro: Rural telefone pessoal: (77) 99903 4323, ou poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Sul da Bahia – CEP/UFESB, Avenida Getúlio Vargas, nº 1732 A, Bairro Monte Castelo, Teixeira de Freitas, Bahia, CEP - 45996-108, Teixeira de Freitas, Bahia, telefone – 3291-2089. O e-mail do CEP/UFESB é: cep@ufsb.edu.br.

CONSENTIMENTO PÓS- INFORMAÇÃO

Eu, ANA MARIA DE JESUS NETA, fui informado sobre o que o/a pesquisador/a quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar da pesquisa, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias originais, as quais serão assinadas por mim e pelo/a pesquisador/a, ficando uma via com cada um de nós.

Assinatura ou impressão dactiloscópica do/da participante da pesquisa

Carlídia Pereira de Almeida
Assinatura do Pesquisador responsável

16 de maio de 2020



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL - MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO UNIVERSIDADE
FEDERAL DO SUL DA BAHIA (UFESB)

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS – CEP/UFESB

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o (a) Sr (a) **DALVINA BATISTA** para participar da Pesquisa (Saberes e Fazeres quilombola: rezas e benzeções com uso de ramos no quilombo Lagoa do Peixe e Nova Volta no município de Bom Jesus da Lapa/Ba, sob a responsabilidade do/a pesquisador/a **CARLÍDIA PEREIRA DE ALMEIDA**, a qual pretende catalogar os saberes e fazeres quilombolas em suas práticas de rezas e benzeções com o uso de ramos. Sua participação é voluntária e se dará por meio de entrevistas transcritas, conversas, depoimentos, notas de campo, fotografias, oficinas. Se o/a Sr (a) aceitar participar, as respostas obtidas por esta pesquisa poderão contribuir para o melhor desenvolvimento das comunidades pesquisadas contribuindo no fortalecimento da cultura e por uma educação escolar quilombola de qualidade. Se depois de consentir a sua participação o/a Sr. (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O/a Sr (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração referente a esta pesquisa. Entretanto, caso o/a Sr. (a) tenha alguma despesa decorrente desta pesquisa será totalmente ressarcido/a pelo pesquisador/a responsável. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas a sua identidade não será divulgada, uma vez que será guardada em sigilo. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com o/a pesquisador/a no seguinte endereço: Fazenda Campos, CEP: 47.600 000, Bairro: Rural telefone pessoal: (77) 99903 4323, ou poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Sul da Bahia – CEP/UFESB, Avenida Getúlio Vargas, nº 1732 A, Bairro Monte Castelo, Teixeira de Freitas, Bahia, CEP - 45996-108, Teixeira de Freitas, Bahia, telefone – 3291-2089. O e-mail do CEP/UFESB é: cep@ufsb.edu.br.

CONSENTIMENTO PÓS- INFORMAÇÃO

Eu, **DALVINA BATISTA**, fui informado sobre o que o/a pesquisador/a quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar da pesquisa, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias originais, as quais serão assinadas por mim e pelo/a pesquisador/a, ficando uma via com cada um de nós.

Dalvina Batista Silva

Assinatura ou impressão datiloscópica do/da participante da pesquisa

Carlídia P. Almeida

Assinatura do Pesquisador responsável

28 de maio de 2020



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL - MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO UNIVERSIDADE
FEDERAL DO SUL DA BAHIA (UFSB)

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS – CEP/UFSB

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o (a) Sr (a) **ALECI BATISTA DE JESUS** para participar da Pesquisa (Saberes e Fazeres quilombola: rezas e benzeções com uso de ramos no quilombo Lagoa do Peixe e Nova Volta no município de Bom Jesus da Lapa/Ba, sob a responsabilidade do/a pesquisador/a **CARLÍDIA PEREIRA DE ALMEIDA**, a qual pretende catalogar os saberes e fazeres quilombolas em suas práticas de rezas e benzeções com o uso de ramos. Sua participação é voluntária e se dará por meio de entrevistas transcritas, conversas, depoimentos, notas de campo, fotografias, oficinas. Se o/a Sr (a) aceitar participar, as respostas obtidas por esta pesquisa poderão contribuir para o melhor desenvolvimento das comunidades pesquisadas contribuindo no fortalecimento da cultura e por uma educação escolar quilombola de qualidade. Se depois de consentir a sua participação o/a Sr. (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O/a Sr (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração referente a esta pesquisa. Entretanto, caso o/a Sr. (a) tenha alguma despesa decorrente desta pesquisa será totalmente ressarcido/a pelo pesquisador/a responsável. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas a sua identidade não será divulgada, uma vez que será guardada em sigilo. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com o/a pesquisador/a no seguinte endereço: Fazenda Campos, CEP: 47.600 000, Bairro: Rural telefone pessoal: (77) 99903 4323, ou poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Sul da Bahia – CEP/UFSB, Avenida Getúlio Vargas, nº 1732 A, Bairro Monte Castelo, Teixeira de Freitas, Bahia, CEP - 45996-108, Teixeira de Freitas, Bahia, telefone – 3291-2089. O e-mail do CEP/UFSB é: cep@ufsb.edu.br.

CONSENTIMENTO PÓS- INFORMAÇÃO

Eu, **ALECI BATISTA DE JESUS**, fui informado sobre o que o/a pesquisador/a quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar da pesquisa, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias originais, as quais serão assinadas por mim e pelo/a pesquisador/a, ficando uma via com cada um de nós.

Aleci Batista de Jesus
Assinatura ou impressão datiloscópica do/da participante da pesquisa

Carlídia Pereira de Almeida
Assinatura do Pesquisador responsável

28 de maio de 2020